

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. *Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE HISTÓRIA

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY
E SUA RELAÇÃO COM AS SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

THIAGO REIS NASCIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE HISTÓRIA

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY
E SUA RELAÇÃO COM AS SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Alcides Freire Ramos.

Uberlândia, Janeiro de 2005.

Nascimento, Thiago Reis, 1981.

O Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley e sua relação com as sociedades democráticas contemporâneas.

Thiago Reis Nascimento – Uberlândia, 2005.

72 páginas.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Freire Ramos

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História

Inclui Bibliografia

Contra-utopia, totalitarismo e democracia.

THIAGO REIS NASCIMENTO

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE ALDOUS HUXLEY E SUA RELAÇÃO COM
AS SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos – Orientador

Profa. Dra. Rosangela Patriota Ramos

Profa. Ms. Nádia Cristina Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas (familiares e amigos) que ajudaram para a minha formação nas modalidades de Bacharelado e Licenciatura da Graduação de História pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialmente aos meus pais, Alvimar Ferreira Nascimento e Maria das Graças Reis Nascimento por todo auxílio e apoio prestado durante esses cinco últimos anos.

Agradeço, em particular, a duas pessoas extremamente importantes em minha vida: minha esposa, Karla P. Lemgruber e meu filho, Pedro Lemgruber Nascimento; que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado nos momentos mais complicados e nos mais felizes. A Karla, por toda sua coragem e luta que imprime em sua vida, sempre me motivou a melhorar e sonhar por melhores tempos.

Agradeço aos colegas de sala Adalberto Jr. e Roberta Helena, que se tornaram grandes amigos durante o Curso de Graduação em História.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Alcides Freire Ramos, pelo auxílio e contribuição com reuniões, debates, encaminhamentos e conversas que foram extremamente necessárias para a realização dessa Monografia.

Agradeço, também, aos professores que colaboraram direta ou indiretamente durante a minha formação enquanto aluno do Curso de Graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia – principalmente: o Prof. Dr. Aguinaldo R. Gomes, a Profa. Dra. Célia Rocha Calvo e a Profa. Dra. Christina Silva R. Lopreato; e especialmente, no último semestre de 2004, a Prof. Ms. Kátia Eliane Barbosa por sua compreensão e atenção.

RESUMO

A pesquisa desenvolvida na minha Monografia de Conclusão do Curso de História corporifica a aproximação sempre constante que mantive com a literatura durante toda minha vida. A leitura das obras de Huxley (principalmente o *Admirável Mundo Novo* e *A Ilha*) despertou minha atenção para um determinado gênero literário (e para, além disso, são obras políticas e ideológicas), e apesar, de já ter lido outras utopias não havia me interado da complexidade e até da quantidade de livros que correspondem a esse gênero.

Um diálogo extremamente propício ocorre entre a história e a literatura; de forma dialética, já que as obras literárias podem ser fontes históricas fecundas que revelam traços sociais, culturais, econômicos e morais de uma determinada época; e paralelamente temos a dimensão histórica retratada de formas variadas na narrativa literária.

A antiutopia *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley é amplamente contemplativa dos aspectos correspondentes às questões cruciais de nossa civilização, projetando numa sociedade fictícia a realização do controle total das massas, no mundo atual da permissividade e do consumo exacerbado revelando o caráter totalitário das democracias contemporâneas. A minha pesquisa, então, parte de um estudo e compreensão dessas obras classificadas como utópicas, num esforço válido e satisfatório para os historiadores, explorando todo o conteúdo utópico contido nas mais diversas formas artísticas – como, p. ex., a literatura. A tentativa de construção de um conceito de antiutopia, em toda sua complexidade, parte de uma polêmica intensa entre os autores que pesquisam sobre o tema, revelando que podem existir várias aproximações para compreender as utopias (política, sociológica e literária). Minha preocupação, então, foi de não fazer um reducionismo do tema e empobrecê-lo, fazendo uma análise em especial do *Admirável Mundo Novo*, mas também de todo gênero utópico, estabelecendo uma relação entre a literatura e a história.

Sumário

Introdução	07
Capítulo I: Um Conceito de Antiutopia.....	16
Capítulo II: <i>Retorno ao Admirável Mundo Novo</i>	33
Capítulo III: A Antiutopia Enquanto Gênero Literário	48
Conclusão e Considerações Finais	64
Objetivos	67
Metodologia	68
Fontes	70
Bibliografia	72

Introdução

A escolha de um tema para minha monografia da Graduação do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia só veio a se definir claramente durante o segundo semestre de 2003. Anteriormente, já havia pesquisado outro tema: a História da Educação no Brasil nas décadas de 1920 a 1930, na Disciplina de Métodos e Técnicas em Pesquisa Histórica (MTPH), o que me permitiu iniciar na pesquisa histórica, consultando fontes e documentos de época, além de aprimorar meus conhecimentos sobre metodologia histórica.

Entretanto, o interesse em relação a esse tema foi se dissipando a medida da minha aproximação cada vez maior com dois livros que sempre fizeram parte da minha vida: *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley e *1984* de George Orwell. O interesse em relação ao antigo tema deu lugar a novas possibilidades de pesquisas e ao refletir sobre qual deveria escolher, tive uma dificuldade inicial em fazer uma delimitação do que iria pesquisar, de qual seria meu objeto de pesquisa. Tendo vários objetos de estudo instigantes, porém muito abrangentes, fui obrigado a definir um objeto de estudo principal para minha monografia.

A possibilidade de pesquisar várias obras literárias dentro de um espaço de tempo correspondente ao da Disciplina de Monografia se mostrou inviável, o que me levou a decisão de restringir meu estudo ao livro *Admirável Mundo Novo* de Huxley.

Essa escolha deve-se a aspectos como o tempo disponível para pesquisa (um ano) e também a um esforço de delimitar o que é possível pesquisar na Disciplina de Monografia e aonde pretendo chegar com o estudo desse objeto de pesquisa. Não seria possível a tentativa de esgotar todas as potencialidades de estudar duas obras de tal magnitude dentro de um período curto, correndo o risco de ser superficial e não atingir nenhum objetivo a que me proponho. Com um espaço de tempo maior, espero futuramente poder concretizar um estudo que abranja uma discussão e confrontação entre as duas obras em questão.

Existe uma intrigante relação entre história e literatura, principalmente pelas obras literárias que conseguem traçar um paralelo entre a ficção e a conjuntura histórica de uma determinada época. Considero de extrema importância a leitura de obras literárias para compreendermos períodos complexos, pois muitas vezes elas traduzem de maneira artística

aquilo que as produções ditas científicas são incapazes de alcançar. Nesse sentido, cabe ao historiador manter abertas as possibilidades de análise das fontes que estão ao seu alcance; porém, a literatura exige um tratamento especial, já que a interpretação artística de uma determinada realidade permite ao escritor utilizar-se de ferramentas (recursos literários) que não são característicos do historiador, ele não está imbuído na busca de uma possível verdade histórica dos fatos passados e sim na livre expressão de seus sentimentos sem estar preso a normas e ao rigorismo acadêmico.

A forma dessas obras literárias é a parábola (alegoria), que é uma maneira de expressar, através de uma história aparentemente banal e simplória, conteúdos filosóficos de questionamentos históricos que encontram na realidade cotidiana um contraponto ao que é dado como real e verdadeiro; são nelas que vou concentrar meu estudo de Monografia. Tais obras têm a capacidade de potencializar elementos essenciais de cada modo de produção dentro de uma só sociedade, o que na verdade representa o mais extraordinário das antiutopias: não se trata somente do comunismo soviético russo e sim das sociedades democráticas contemporâneas¹. O que durante muito tempo foi lido e considerado uma crítica dirigida ao regime ditatorial de Stálin (principalmente pelos críticos esquerdistas) se aplica, e muito bem, ao capitalismo industrial monopolista, revelando o caráter totalitário² das sociedades democráticas ocidentais. O que nos leva a outro ponto: a um pré - capitalismo constituído dentro da própria sociedade russa comunista, apenas atrasada em relação ao Ocidente: democracia e ditadura são contrastes do mesmo modo de produção.

Nesse ponto a obra de George Orwell, *1984* foi brilhante ao mostrar que o regime stalinista (que conseguiu altas taxas de crescimento econômico durante o primeiro e segundo planos quinquenais, enquanto a crise da Grande Depressão atingia os países

¹ As democracias representam, em tese, valores como: “*desconfiança da ditadura e do governo absoluto; o compromisso com um governo constitucional com ou sob governos e assembléias representativas livremente eleitos, que garantissem o domínio da lei; e um conjunto aceito de direitos e liberdades do cidadão, incluindo a liberdade de expressão, publicação e reunião. O Estado e a sociedade deviam ser informados pelos valores da razão, do debate público, da educação, da ciência e da capacidade de melhoria (...) da condição humana*” (HOBSBAWN, 1995: p. 113-4) garantidos pelas instituições democráticas ocidentais.

² Para Marcuse “*Não obstante, essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento depende da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência – individual, nacional e internacional. (...) As aptidões (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que nunca dantes – o que significa que o alcance da dominação sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que nunca dantes*”. (MARCUSE, 1982: p. 14).

industrializados) direcionava-se rumo ao capitalismo. *1984* então potencializa os aspectos cruciais da sociedade soviética: a privação do direito de consumo juntamente com jornadas de trabalho extenuantes e nos mecanismos repressores do controle das massas, com a vigilância total imprimida aos trabalhadores privados da liberdade de pensamento e reflexão.

No *Admirável Mundo Novo* de Huxley encontram-se elementos centrais que caracterizam três sociedades distintas e antagônicas: a norte-americana, a soviética e a nazista (diferentemente do que ocorre em *1984*, que irá explorar unicamente as características do comunismo soviético). Todas elas fundem-se numa nova civilização erigida sob o signo de um novo sistema e uma nova religião, como também de um novo deus: onde há a substituição feita por Huxley a Lord (que significa Senhor, em inglês) por Ford, no lugar do símbolo sacro que seria a cruz, entra o símbolo T, que representa a produção de objetos em série.

A referência é explícita a Henry Ford, que foi responsável pela produção em massa na linha de montagem e em grande escala, inaugurando não somente um sistema de produção como uma ideologia e um modo de encarar o trabalhador (extremamente adaptado ao ambiente fabril) e o consumidor (massificado pela indústria cultural).

Como o calendário ocidental tem seu marco zero com o nascimento de Cristo, aqui, a criação do Modelo T em 1908 inicia o ano zero, e as datas posteriores são designadas como Depois de Ford (D.F). Em *Admirável Mundo Novo*, os nomes dos personagens, sempre compostos, levam nomes de personalidades políticas ou cientistas célebres, tais como Karl Marx, Benito Mussolini, Bakunin e Charles Darwin.

O taylorismo - elevado aos seus extremos - é o sistema de produção que caracteriza as relações sócio-econômicas no *Admirável Mundo Novo*. A sociedade massificada, influenciada pela propaganda, tem acesso a um ilimitado número de artigos diferenciados (descaracterizados de qualquer particularidade específica) disponíveis no mercado mundial, que são indiscutivelmente supérfluos, porém se tornaram indispensáveis para o consumo e satisfação do homem moderno. A persuasão exercida pelos meios de comunicação em massa leva o consumidor a se sentir realizado ao comprar determinado produto que satisfaça as suas necessidades emocionais mais íntimas, necessidades essas que muitas vezes são estimuladas, ou até mesmo criadas, pela indústria cultural. A liberdade dentro

desse sistema restringe-se ao poder de escolha do consumidor, ou seja, entre optar por comprar o produto de uma marca A, B ou C que mais lhe interesse.

No *Admirável Mundo Novo* todas as relações pessoais tornam-se mediadas pelo consumismo, pela satisfação imediata dos prazeres e dos desejos, não somente os produtos industrializados são objetos de consumo, como também o sexo é encarado como uma forma de satisfação instantânea das necessidades das pessoas. A prática sexual está desassociada do sentimento de amor e fidelidade ao parceiro, a monogamia é completamente banida e as pessoas têm vários parceiros sexuais, mas são incapazes de amarem algum deles. Nesse sentido, a ficção encontra um grande respaldo na realidade, já que essa característica é visível em nossa sociedade. O que é, seguramente, uma atitude encorajada pelos meios de comunicação em massa, ao promoverem na mídia uma constante provocação sexual aos seus consumidores, através de programas de televisão que exibem a todo o momento mulheres e homens como objetos de desejo.

A contradição apresenta-se ao passo que quanto mais se expõem (nas mídias) mulheres e homens como objetos de desejo, portanto de consumo, o que poderia ser encarado como uma aparente libertação sexual das pessoas, se mostra totalmente o oposto. Cada vez mais as pessoas se sentem menos livres e satisfeitas em relação à sua sexualidade e aparência. O incentivo que é dado (pela sociedade e pela mídia) ao homem, é que ele deve ser o macho e, portanto, cabe a ele ter o máximo de amantes possíveis sem nenhuma culpa, sendo esse seu papel como indivíduo, o que reforça a idéia do sexo como satisfação imediata do prazer sexual com quantidade e sem qualidade.

O campo da sexualidade é bastante explorado na utopia huxleiana, certamente, porque nesse campo os poderes dos dirigentes se mostram bastante eficazes: ao controlar o contato entre indivíduos, privando-os da relação amorosa, exclui-se também a possibilidade de um vínculo mais profundo e intenso entre dois parceiros, o que colocaria em risco a estabilidade e a ordem mantida a qualquer custo pelos governantes, já que a monogamia é vista como um mal e deve ser eliminada: o único benefício do sexo é a satisfação do prazer imediato.

Exatamente como transforma - se o sexo em objeto de consumo e entretenimento fácil que leva à prostração, o mesmo irá ocorrer com o uso das drogas. Consumida em publico e estimulada pelos dirigentes da sociedade, têm a função de garantir aquele que a

ingere, uma sensação de bem estar num momento de angústia ou infelicidade – um sentimento extremamente intolerável – sem os males causados por outras drogas mais pesadas. Aliás, no *Admirável Mundo Novo*, todas as outras drogas foram banidas, como o tabaco, o uísque, a cocaína; sendo permitido somente o uso de Soma e vinho.

Consumida como um poderoso calmante, a droga não tem a função de libertar o homem, de elevar seu usuário a um estado superior de consciência e compreensão do mundo em que vive, seu efeito é muito menos libertador do que se supunham os movimentos contraculturais, produzindo um indivíduo conformado e apático. A capacidade de o homem encontrar no consumo de drogas (principalmente as alucinógenas, como o ácido lisérgico, o LSD) um estimulante dos seus sentidos que faça com que as percepções sejam alteradas, na busca de uma maior inteligência, perde seu sentido quando seu consumo é massificado, no *Admirável Mundo Novo* o uso de uma droga conhecida como Soma permite ao indivíduo entrar em um estado de quase torpor, produzindo um efeito temporário de alegria pueril e tranqüilidade, porém não se revela mais do que um anestésico, privando as pessoas de sentirem emoções conflitantes ou contraditórias.

Nas camadas inferiores da sociedade o consumo de Soma é mais estimulado do que nas camadas superiores, já que os primeiros precisam ser controlados, mantidos conformados dentro de sua posição hierárquica e não se manifestarem contrariamente ao regime em que vivem. As drogas, nas obras de Huxley, apresentam sempre um importante papel e tem um efeito crucial na sociedade, como em sua obra *A Ilha* onde a felicidade dos moradores da fictícia ilha de Pala era garantida com o consumo sistemático de substâncias químicas.

A recusa de Bernard Marx (protagonista do romance) de tomar doses diárias de Soma causa espanto entre as pessoas que o conhecem, a sua escolha é a de recusar o sentimento infantil advindo do consumo de tal droga, preferindo passar pelas experiências negativas, como a tristeza e a decepção que sente em relação aos outros (já que mesmo sendo de uma casta superior, tem uma estatura menor do que seus semelhantes devido ao álcool que foi colocado acidentalmente em seu frasco quando era um feto) sem o auxílio químico.

Além de sua aparência estranha (é baixo, o que é considerado uma característica dos seres inferiores), Bernard Marx recusa-se a fazer sexo com várias parceiras, tem uma forte

atração por Lenina Crowne, porém, somente por ela, quando a atitude socialmente aceitável seria de sair com várias mulheres, não ter uma única parceira. Os dois iniciam uma relação, quando ela aceita um convite feito por Marx de fazerem um passeio. Apesar de achá-lo uma figura estranha, ela continua próxima a ele, contudo, algumas de suas idéias (como de ficar sozinho, de se sentir solitário, de manter uma relação profunda e duradoura) causam um grande estranhamento de sua parte em relação a Marx, ela considerava que sua atitude se dava ao fato de acidente com o álcool ter danificado sua capacidade mental.

As idéias de Bernard Marx, suas opiniões diferenciadas em relação ao restante das outras pessoas, causaram um forte impacto em Lenina Crowne, pois ele estava questionando preceitos básicos da sociedade. Os princípios fundamentais eram formados com um programa de educação controlado pelo Estado, desde os primeiros anos de vida, com repetições excessivas de frases (simples e curtas) com conteúdos morais, sociais e de comportamento, através de sessões de *hipnopédia*, ou seja, essas frases eram repetidas sucessivamente durante o sono das crianças, permanecendo no intelecto como verdadeiros dogmas. Somente certas pessoas, com uma capacidade intelectual superior eram capazes de questionarem tais preceitos e de voltarem-se contra eles. Bernard Marx (devido ao suposto acidente com o álcool, o que pode ter lhe causado uma demência ou uma superinteligência) era capaz de ações que contradiziam as repetições hipnodéticas, como desejar ficar somente com uma mulher, e amá-la, não utilizar as doses diárias de Soma e principalmente, ter o direito de se sentir solidão.

O condicionamento acontece na primeira infância, levando os bebês a rejeitarem certas coisas (como livros e flores) e a gostarem de outras (como esportes campestres). Este condicionamento é feito com a utilização de técnicas comportamentais behavioristas, sugestionando momentos extremamente desagradáveis (como choques e ruídos ensurdecedores) quando se deseja condicionar uma pessoa a rejeitar certa coisa, quando a intenção é fazer com que essa pessoa goste dessa coisa os estímulos dados são de tranquilidade e paz. Os condicionamentos criam ambientes artificiais e provocam reações que variam de acordo com o objetivo dos cientistas, objetivos esses impostos pelos governantes na sua tentativa de criarem uma casta inferior obediente, que não cause problemas comportamentais.

No *Admirável Mundo Novo*, todas as atividades eram praticadas em grupos e em público, o homem enquanto indivíduo com vontades e necessidades particulares deixa de existir para se tornar parte de um corpo social. A unicidade deveria ser mantida a qualquer custo, o que resultara na perda de qualquer traço de individualidade dos habitantes do Admirável Mundo Novo. A sensação de solidão era extremamente recusável, pois, a reclusão e o isolamento levam à reflexão que traz questionamentos filosóficos e coloca em risco o perfeito funcionamento da sociedade, já que os indivíduos poderiam rebelar-se contra o sistema.

Todos os momentos de ócio dos trabalhadores estavam preenchidos com o lazer advindo dos esportes campestres, do Cinema – Sensível, do efeito do uso do Soma ou do prazer sexual, além disso, várias atividades grupais eram praticadas periodicamente, para que não haja condições de um espaço privado. No Ritual da Solidariedade, uma espécie de orgia coletiva incentivada pelas músicas sintéticas, versos e doses de Soma, leva as pessoas a sentirem fortes emoções quando atingem o êxtase sexual. Novamente, Bernard Marx sente-se deslocado em relação a seus semelhantes, não compartilha dos prazeres advindos desse ritual, apenas finge ter sentido para não causar constrangimentos perante aos outros.

A questão da liberdade – ou a falta dela – é extremamente importante na obra de Huxley, pode se dizer que este é o tema principal que norteia o livro. O controle social exercido pela camada dominante (denominados de Betas, Alfas e Alfas Positivos) sob as castas inferiores (Ípsilons e Gamas) é condicionada desde o nascimento dos fetos *in vitro*. Ministrando espermatozoides inferiores em condições climáticas desfavoráveis ao perfeito estado do desenvolvimento dos fetos em laboratórios, obtinha-se a camada de seres menos evoluídos e mais inferiores da sociedade. Praticamente subumanos incapazes de realizarem tarefas complexas que exijam um Q.I. elevado, são destinados a fazerem as tarefas menos desejáveis pelos seres superiores. O controle social feito a essa casta torna-se praticamente perfeito, já que soma - se a sua incapacidade intelectual as várias maneiras de entretenimento (esportes, cinema) proporcionadas pela sociedade, como o sexo em abundância e grandes doses diárias de Soma, tornando-os apáticos de rebelarem-se contra seus governantes.

Minha dissertação de monografia está dividida em três capítulos, a princípio, no primeiro, irei construir um conceito de antiutopia, tendo como referência teórica as

primeiras obras utópicas da literatura como Platão na Antiguidade e Thomas Morus na Modernidade – com a devida observação que não pretendo me aprofundar na análise dessas, são apenas referências para conceituar o termo utopia. Acompanhando a evolução e transformação das mesmas em um novo gênero reinventado frente a novos e drásticos acontecimentos históricos do início do século XX com a introdução da noção de utopia negativa (ou antiutopia, ou contra utopia), como vieram ser designadas as obras de George Orwell e Aldous Huxley.

No segundo capítulo, irei analisar a obra *Regresso ao Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley a partir das conclusões obtidas para produzir um estudo histórico-literário que permita pensar e refletir temas discutidos pelo autor em sua obra na época em que foi escrita e do que veio a ocorrer em épocas posteriores, traçando um paralelo entre a ficção e a realidade. Como se trata de estudar as utopias é conveniente compreender, também, a noção de ficção e sua possível interlocução com a História, o que será meu objeto de estudo no terceiro capítulo.

Estudar os regimes totalitários levanta discussões relevantes sobre assuntos que me são valiosos – técnicas de manipulação de massas, rebeldia, conformismo, propaganda – e que são tópicos importantes de discussões acerca da condição humana na contemporaneidade. Tive a oportunidade de pesquisar várias obras literárias (que por si só poderiam ser temas de outras pesquisas) que são pertinentes ao tema por tratarem dessas questões. Considero dentre as que tive contato a antiutopia *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley a mais contemplativa dos aspectos correspondentes às questões cruciais de nossa civilização, projetando em uma sociedade fictícia a realização do controle total das massas, no mundo atual da permissividade e do consumo exacerbado, numa sociedade bastante diferente daquele imaginada por George Orwell em *1984*.

Em *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley previu algo distinto das ditaduras totalitárias soviéticas, ao invés de governos excessivamente controladores e coercivos, numa sociedade onde todos eram constantemente vigiados (e a repressão física e mental eram constantes), temos ao contrário uma aparente liberdade dos governantes em relação às pessoas, onde o sexo e as drogas são não só permitidos, como sua prática e seu consumo são incentivados. Uma leitura tradicional das antiutopias caracterizou negativamente os

regimes totalitários ditatoriais³, o que revelou – se ser apenas um aspecto importante nessas obras, mas não único. O mais espetacular, no entanto, (e é isso que essas obras nos apontam) remete ao totalitarismo presente nos regimes democráticos, tidos como defensores da liberdade e da livre escolha dos indivíduos.

Admirável Mundo Novo foi escrito há mais de sete décadas, torna – se, então extrema importância, o questionamento da validade e atualidade da obra de Huxley, como um romance futurista que previu inúmeros acontecimentos (muitos deles catastróficos para o permanecimento da civilização) para os anos posteriores. Devido a isso, tive o cuidado de fomentar a relação entre a literatura (ficção) e história, o que me fez evitar encarar o *Admirável Mundo Novo* como um prognóstico realista e inevitável do nosso futuro.

³ Se num primeiro momento o termo “totalitarismo” “(...) inicialmente inventado como uma descrição ou autodescrição do fascismo italiano, era aplicado quase só a esses regimes” (HOBSBAWN, 1995: p. 116), o rótulo toma uma dimensão mais abrangente frente à queda dos regimes fascistas e comunistas, e pode ser direcionado aos Estados autoritários que implícita ou explicitamente cerceiam a liberdade e soberania dos indivíduos em sociedade, como ocorre no *Admirável Mundo Novo*.

Capítulo I: Um Conceito de Antiutopia

“A tentativa de definição da Utopia é complicada pela multiplicidade de aproximações possíveis (...) como testemunham as confusões determinadas pela aceitação de definições inadequadas para a compreensão do fenômeno”. (BOBBIO, 1995: p. 1284)

O que exatamente vem a ser utopia e qual é a sua definição não pode ser elucidada com uma única resposta como encontramos nos dicionários ou enciclopédias, precisamente por empobrecer um tema tão interessante e diversificado com a certeza de torná-lo banal e não problematizá-lo. Mais do que um estilo literário, que muitas vezes passou por modismos quando proliferou na literatura mundial no século XX, a utopia é um conceito que merece atenção especial daqueles que prezam pela busca do conhecimento e angustiam-se pelos caminhos tortuosos que a sociedade contemporânea segue seu curso incerto, mas nem por isso impassível de um prognóstico (que por mais irreal que pareça no momento histórico em que foi escrito) possível de acontecer no seu futuro.

No presente capítulo intento fazer um resgate histórico do conceito de antiutopia (tendo como apoio autores como Robert Kurz, Norberto Bobbio, Karl Mannheim, João Bernardo e Paul Ricoeur) sendo necessário para o mesmo elucidar o momento histórico de origem das chamadas utopias, as evoluções e transformações ocorridas desde sua gênese e ao passar dos séculos. Enquanto gênero literário mundial a utopia sofre modificações e ganha novo significado em períodos mais turbulentos da história da humanidade, ganhando mais complexidade e profundidade frente a novas conjunturas históricas vividas pela humanidade.

Considero de extrema importância estabelecer uma clara distinção entre as utopias das antiutopias, já que o gênero da utopia negativa aprimora-se e qualifica-se como um novo gênero literário ao inverter o sentido clássico de utopia que tem como raiz a obra *Utopia*⁴ de Thomas Morus. As obras que foram caracterizadas como utópicas possuem um grande sentimento de otimismo, de esperança que um mundo melhor, sem as imperfeições e contradições sócio-econômicas das sociedades capitalistas, pudesse existir. Como parte de

⁴ MORUS, Thomas. *Utopia*. Tradução José Marinho, notas e posfácio de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1985.

um sentimento de otimismo e de esperança, as utopias são importantes para pensarmos no mundo em que vivemos, mais são incapazes de questionarem e trazerem reflexões mais profundas sobre contradições cruciais existentes nas sociedades contemporâneas.

As antiutopias (ou utopias negativas, ou contra-utopias) partem de um sentimento de forte pessimismo e de total desesperança de que um mundo perfeito, feliz e maravilhoso ausente de contradições seja possível como talvez aparente ser um mundo semelhante ao descrito por um Huxley muito mais otimista em seu último romance, *A Ilha*⁵, onde vislumbra uma ilha perdida nos Mares do Sul, que seria a concretização teórica de uma sociedade ideal – mesmo nessa utópica ilha a felicidade e a perfeição não se realizam de forma plena – de qualquer forma um sentimento de otimismo e esperança marcam essa obra que pode ser considerada um reverso do *Admirável Mundo Novo*.

Após as Grandes Guerras Mundiais e a Grande Depressão que marcaram o início do século XX, o gênero da utopia modifica-se de certa forma que não pode ser encarado da mesma maneira, por isso a separação entre utopia e antiutopia é extremamente válida. Nesse capítulo, primeiramente, analiso a concepção advinda do conceito de utopia tendo como gênese a teoria clássica de Thomas Morus que caracterizou filosoficamente as utopias que vieram a serem escritas nos séculos XVI e XVII. Fazendo um recorte histórico do conceito de utopia e de suas modificações ao longo do tempo chego a uma possível definição do conceito de antiutopia tendo como referência principal a obra de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, expondo suas qualidades e defeitos como utopia negativa e os sérios questionamentos levantados no livro. Pretendo através da análise do livro de Huxley, explorar a importância das antiutopias na contemporaneidade e questionar a validade da mesma para pensarmos problemas atuais e futuros acontecimentos históricos previstos pelo autor.

A palavra utopia foi inventada por Thomas Morus (1478-1535) que viveu na Inglaterra do século XVI, ele estava profundamente inconformado com a realidade que cercava a população campesina que sofria com a miséria e a fome, resultados da política

⁵ HUXLEY, Aldous. *A Ilha*. Tradução de Gisela Brigitte Laub. Ed. Civilização Brasileira, 5ª. ed, Rio de Janeiro, 1969. *A Ilha* é o último romance escrito por Aldous Huxley, uma utopia plena imaginada pelo autor, que resume as tendências rebeldes das décadas de 50 e 60. Pode ser entendida como uma “espécie de contrapartida dialética do Admirável Mundo Novo” (CARVALHO, 2001: p. 17), já que em *A Ilha* Huxley cria uma sociedade onde, aparentemente, os homens são livres e há uma harmonia entre eles, algo completamente discrepante com o conteúdo do *Admirável Mundo Novo*.

monárquica inglesa. A sociedade feudal estava marcada por uma crescente desigualdade social, a Nobreza e o Clero eram detentores de grande parte das terras e das riquezas, enquanto o camponês foi expulso de sua terra para dar lugar à criação de carneiros perdendo tudo que antes possuía. Impulsionada pela indústria de lã, com a promessa de lucros extraordinários, a monarquia inglesa fez com que as terras agriculturáveis que antes eram o sustento da maioria da população agora servissem de base da manufatura têxtil.

Ocorre um grande êxodo dos trabalhadores rurais para a cidade em busca de empregos nas manufaturas instaurando um enorme antagonismo entre a cidade e o campo, forçando o camponês a trabalhar como assalariado para garantir seu sustento, sujeito a salários baixíssimos e ao desemprego em massa.

Esse quadro de miséria e desigualdade social que caracterizou a sociedade feudal inglesa foi o ponto de partida para Morus criar uma ilha utópica onde todas as contradições de seu país seriam eliminadas. A etimologia da palavra utopia vem do grego *u*: não existe; *topia*: lugar e tem como significado lugar que não existe⁶. Foi exatamente a realidade que cercava Morus que o levou a imaginar um lugar radicalmente diferente daquela Inglaterra do século XVI governada por Henrique 7º, sendo considerado um dos precursores do socialismo. A ilha utópica de Morus seria uma construção de uma sociedade ideal, abolidas as classes sociais e os antagonismos entre a cidade e o campo resultando no fim da propriedade privada com uma divisão igualitária e comunitária dos bens comuns a todos. O Estado seria o gestor da produção e responsável por uma distribuição justa a todos moradores da Utopia.

Pela primeira vez na história a palavra utopia é utilizada, apesar de não ser a primeira vez que um autor se dedica a pensar e elaborar projetos de uma sociedade radicalmente diferente daquele que ele vive, como é o caso do filósofo clássico Platão. Ele idealizou uma cidade ideal, já que as outras formas de governo existentes mesmo em suas variáveis (oligarquia, tirania, aristocracia, democracia) são injustas (por não suportar o homem justo) e ignoras (por não suportar o homem que possui saber), assim a cidade em que o filósofo vive não é uma sociedade perfeita para os homens, muito menos para os filósofos.

⁶ Existe uma dupla interpretação da etimologia da palavra utopia, pois ela pode tanto significar lugar inexistente e lugar feliz; onde há uma tentativa de junção dos dois significados por Thomas Morus em Utopia. (BOBBIO, 1995: p.1284)

Estabelece-se, assim, para Platão um dilema: como viver numa cidade imperfeita, que não reconhece os valores dos filósofos, mas com também fugir dessa mesma cidade, já que os homens não podem isolar-se impunemente, segundo os gregos privilégio único de Deus. Então, Platão encontra a saída, de certa forma, em uma utopia: seu desejo é reformar a cidade, e para que isso aconteça, a única posição do filósofo na cidade é a de rei, ou de outra maneira, os reis tornarem-se filósofos; o que resultaria na mesma finalidade.

A idealização de uma cidade perfeita com os reis filósofos que formam a base da República começaria como uma reforma política e moral iniciando pela educação da juventude que seriam futuramente os cidadãos e dirigentes da sociedade. O filósofo construiu um plano de ação, um modelo, uma planta da cidade perfeita onde o homem justo irá residir. O utópico na obra de Platão, *A República*⁷, é a idealização do homem e de uma cidade justa existente no mundo das idéias, onde o filósofo assume o papel que deveria ser designado a ele, ou seja, o de governante de um Estado ideal, baseado no conceito de justiça (tema central de sua obra, onde discute a essência da justiça).

Uma ciência política é esboçada com Platão em *República* (que evolui enquanto idéia por vários filósofos até chegar a noção de da ciência política moderna), que considera que as formas degeneradas do Estado acabam por degenerar também os princípios dos homens num processo de corrupção que ocorre até nas formas mais perfeitas de Estado. A política como demonstra Platão (em seus diálogos que possuem debates atuais sobre os problemas da sociedade humana) usada sabiamente, é capaz de propor e solucionar problemas como agente radical na transformação das contradições existentes nas mais variadas formas de governos que conhecemos. Menos do que me aprofundar na filosofia platônica (o que não é meu objetivo), sua citação aqui deve-se a sua importância como um dos primeiros filósofos que criou uma utopia de uma cidade ideal onde haveria um Estado justo baseado principalmente na educação dos jovens e num conceito ideal de justiça.

A definição de utopia não cabe somente em uma única explicação que excluam outras visões e concepções acerca do tema, já que existem diferentes significados, e conseqüentemente, diferentes interpretações do que vem a ser utopia para cada pessoa, seja ela uma pessoa comum (talvez, uma pessoa do povo, num sentido mais amplo englobando

⁷ PLATÃO. *Diálogos: A República*. Coleção Universidade de Bolso. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1996.

toda massa desprivilegiada), um político, um autor, um filósofo, dentre outros que sentem a necessidade de projetar uma diferente concepção da vida, fazendo assim, uma enorme crítica ao sistema e ao modo em que vivemos.

Tomando a palavra utopia como provida de uma enorme complexidade, não somente um gênero da literatura mundial e, precisamente, por ser tão utilizada e discutida não só na literatura, mas também nas Ciências Humanas e por diferentes pensadores da esquerda e da direita, utopia deixa de ser apenas uma palavra que denomina um projeto de uma sociedade ideal e perfeita, torna-se, portanto, um conceito, e como tal sujeito a análises e questionamentos.

As utopias que seguiram num primeiro momento da história o mesmo sentimento de otimismo e esperança presente na obra de Morus carregaram o estigma de serem obras utópicas (num sentido tomado como pejorativo) denotando ingenuidade e devaneio. Assim, foram caracterizados os socialistas Henri de Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen como utópicos em oposição aos socialistas científicos, já que seus projetos de sociedade foram impraticáveis na realidade (por exatamente serem incapazes de abrangê-la em suas obras), eram projetos para construção de sociedades ideais onde seriam abolidas as contradições advindas da exploração do patrão sobre o trabalho dos operários. Os principais objetivos dos socialistas utópicos eram a abolição da divisão do trabalho, redução da jornada de trabalho e aumento de salários para melhorar as condições de vida dos trabalhadores, ou seja, era a idealização de uma sociedade que resolveria todos os problemas advindos da Revolução Industrial e de suas drásticas conseqüências para os operários.

As parábolas que marcaram a história da literatura atravessaram um período de relativo esquecimento no século XIX, porém ressurgem com toda potencialidade e firma-se como um importante gênero literário no século XX. Contrastando com um primeiro momento em que nas utopias predominam um sentimento de otimismo e esperança onde se constroem mundos com sociedades mais justas e igualitárias, a definição de utopia derivada da obra de Thomas Morus é superada por uma forma mais aprimorada de parábola: as utopias negativas. Com uma nova conjuntura histórica onde ocorrem as guerras mundiais e as grandes crises econômicas (como a vivida por Huxley em 1929), um surto de miséria e fome alastra por todo planeta, um sentimento de desespero e falta de esperança toma a

mente de autores e de profetas que visualizam um futuro extremamente pessimista e nebuloso, senão do fim da humanidade com o advento da energia atômica e seu eminente perigo nas mãos dos dirigentes mundiais.

A obra de H.G. Wells *A Máquina do Tempo* é uma das mais importantes do gênero da utopia negativa, com a presença da luta de classes, num futuro marcado pela violência e pelo pessimismo onde a ação devasta do homem ocasionou desastres naturais o que levou a um período sombrio da vida humana. A sociedade divide-se em duas classes antagônicas, uma das quais habitam a superfície da terra que são os descendentes dos capitalistas, todos eles brancos de olhos claros e belos, porém, infantilizados e alheios de sua condição, temem serem devorados pelos seres estranhos e bizarros - os descendentes dos operários - que habitam as regiões subterrâneas da terra e alimentam-se dos seres que vivem na superfície.

A oposição de classes está marcadamente presente na obra de Wells, dividindo a sociedade em pólos diferentes que lutam até o fim pelos seus interesses econômicos, sociais e políticos. As parábolas posteriores a *Máquina do Tempo*⁸ irão deslocar a atenção a luta de classes como um fim em si, e constituir todo um sistema complexo e hegemônico que abranjam os totalitarismos que viemos a conhecer ao longo do século XX. As parábolas (principalmente, a ficção científica negativa) ganham um novo significado e tornam-se ainda mais pessimistas e alarmantes, prevêem um futuro do fim da liberdade humana, da privação dos relacionamentos afetivos entre homens e mulheres, do uso total e completo da ciência com um meio para obter-se controle e condicionamento dos indivíduos e da eficiência quase perfeita de exercer o poder sobre a maioria, ou seja, as utopias negativas (cada uma ao seu modo) englobam uma visão totalitária de governo, seja ela democrática ou ditatorial.

A capacidade de prever futuros acontecimentos que são possíveis de se concretizarem na realidade de um tempo posterior que reside a principal virtude das utopias. Passados vinte anos após escrever *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley justifica no prefácio de seu livro as razões pelas quais o levaram a edificar sua antiutopia do modo como foi concebida. Inicialmente, Huxley aponta os defeitos que considera existir em

⁸ Robert Kurz no *Caderno Mais!* (Folha de São Paulo, junho de 2003) destaca como importantes parábolas sombrias e negativas as obras de Franz Kafka e o romance “*Nós*” de Ievguêni Zamiátin, além das obras de Huxley e de George Orwell.

sua obra, apesar de conhecê-los e saber que, ao reescrever o *Admirável Mundo Novo* de outra forma, poderia trazer uma possível perfeição artística e filosófica que sua versão original e única não contém. Em contraponto, o autor reconhece que ao modificar seu livro, iria certamente corrigir alguns defeitos, mas acabaria por eliminar as qualidades da obra como foram escritas e imaginadas pelo autor em sua juventude, transformando seu livro em outro consideravelmente distinto daquele escrito em 1931 e publicado no ano seguinte.

O principal defeito, segundo Huxley, em sua antiutopia reside no fato de ser dada ao Selvagem apenas duas alternativas finais a esse personagem: de um lado, viver na metrópole, um lugar totalmente desconhecido por ele, a não ser pelo seu conhecimento de algumas obras de Shakespeare, como a *Tempestade* e pelas histórias que sua mãe, Linda, contava da civilização ao qual pertencia antes de ir parar na Reserva. A situação de Linda é um acontecimento misterioso na história que desvenda-se aos poucos durante a narrativa da obra – em verdade Linda teve um relacionamento com o Diretor de Incubação e Condicionamento, o que resultou numa gravidez indesejada fruto de uma relação sexual e não pelo método científico em laboratório, abandonada pelo Diretor na Reserva ela cria o Selvagem na aldeia de índios. De outro lado, a escolha seria viver na Reserva, uma única aldeia de índios que resistiram a civilização, numa vida primitiva em que não adapta-se por ser branco, sendo rejeitado pelos outros índios que não o aceitam como tal apesar de seu constante esforço para ser aceito participando intensamente dos rituais que acontecem na aldeia.

Ao Selvagem não foi dada outra alternativa, a não ser a insanidade da cidade ou a demência da Reserva, o que resultaria no mesmo fim trágico que o personagem encontra em sua escolha de viver na cidade: a autopunição com torturas severas, levada ao extremo do ato do suicídio. Trazido à cidade por Bernard Marx (que torna-se amigo do Selvagem) que vislumbra-se com a idéia de almejar um status social que antes nunca teve devido a sua defeituosa formação genética, com a idéia de levar o Selvagem como um caso a ser estudado, como uma peça de um museu bizarro, de um único homem branco que vive na aldeia de índios e nunca teve contato com a civilização. Deslumbrado com aquilo que poderia ser um *Admirável Mundo Novo* com criaturas adoráveis, belas e sábias como

descritas nos versos shakespearianos de *Tempestade*⁹, o Selvagem vislumbra sua própria utopia, a chance de encontrar pessoas cultas para compartilhar seus sentimentos e anseios em uma civilização imaginada em seus devaneios como perfeita.

A tentativa de Bernard Marx de atingir sucesso nos meios sociais mais influentes de Londres com a constante exibição do Selvagem em festas e eventos promovidos pelo mesmo revela-se bastante satisfatória, finalmente ele pode se sentir importante e notável o que antes era sua característica mais marcante, ou seja, uma autodepreciação que levava a se esconder e afastar de seus semelhantes transforma-se incrivelmente numa elevadíssima auto-estima, Bernard torna-se o centro das atenções (as custas de seu amigo Selvagem), porém por um curto prazo de tempo. A situação confortável e maravilhosa em que Bernard encontrava-se rapidamente se transforma em um terrível pesadelo quando o Selvagem recusa-se a participar dos cansativos eventos promovidos por Bernard, inclusive naqueles em que proeminentes personalidades de Londres compareciam. Confrontando sua utopia com a realidade que viu com seus próprios olhos da civilização, o Selvagem decide voluntariamente isolar-se do contato com os outros, principalmente das constantes insinuações amorosas de Lenina Crowe que deseja intensamente relacionar-se com o Selvagem, num misto de repulsa e amor seus sentimentos por ela são contraditórios e o trazem muita dor.

O isolamento voluntário do Selvagem provocado pelas angústias vividas em seu curto contato com a civilização: a sexualidade reprimida, a morte de sua mãe Linda, a falta de liberdade e outros acontecimentos lhe causa um choque muito grande para continuar vivendo, o suicídio é a única alternativa encontrada pelo Selvagem para aliviar-se da dor intensa que estava experimentando, afinal eram sentimentos novos e muito intensos para ele. Huxley afirma em seu prefácio que se houvesse uma outra versão hipotética do livro daria ao Selvagem uma terceira escolha: a sanidade. Desse modo, se ao Selvagem fosse

⁹ Os versos escritos pelo teatrólogo inglês Shakespeare exprimem o sentimento humanista do período Renascentista (século XVI na Inglaterra), na crença de que o homem é o centro do Universo e não mais Deus. As concepções renascentistas de supervalorização do homem presentes em Shakespeare levam o Selvagem a idealizar o próprio homem e a civilização, existente apenas em sua imaginação.

“Ó maravilha!

Que adoráveis criaturas aqui estão!

Como é belo o gênero humano!

Ó Admirável Mundo Novo

Que possui gente assim!”

(William Shakespeare, *A Tempestade*, Ato V)

propiciado um prévio conhecimento da civilização que iria brevemente entrar em contato, talvez pelo próprio Bernard Marx, que poderia ser seu tutor, prevenindo-o das possíveis frustrações e obstáculos que iria deparar-se, ele estaria preparado para ser capaz de viver entre os indivíduos de uma comunidade de exilados e refugiados do *Admirável Mundo Novo* com sua sanidade preservada. Assim, a obra de Huxley teria uma perfeição artística e filosófica que em sua versão original não foi possível de ser alcançada.

Inevitavelmente uma obra artística é passível de defeitos e qualidades que garantem sua originalidade, no momento em que foi escrito apresentava-se para Huxley, uma época de extremo pessimismo e falta de esperança, e parecia mais provável que a humanidade caminhasse rumo a insanidade do que pela busca da sanidade; exatamente por isso o fim trágico do personagem; voltando a pensar sobre sua obra o autor conclui que a busca de uma vida saudável e plena é possível de acontecer.

Uma outra falha apontada pelo próprio Huxley em seu prefácio, caracterizada pelo autor como “grande e óbvia” é a ausência de qualquer menção sobre a fissão nuclear¹⁰ ou seja, sobre o uso da energia atômica na ciência e seu eminente perigo como arma de destruição em massa.

A justificativa dada pelo autor é explicada pelo fato de que o tema do *Admirável Mundo Novo* não é o progresso da ciência exatamente retratada do modo como ela evolui no tempo e de seus efeitos na qualidade de vida, mas sim, o uso do progresso da ciência como um meio para atingir os seres humanos. Na antiutopia do *Admirável Mundo Novo* a ciência tem seu uso voltado totalmente para modificar e alterar os padrões de vida antes existentes e condicionar quase que perfeitamente os indivíduos desde seu nascimento.

A psicologia, biologia e a fisiologia são ciências que estudam o comportamento humano, e somente elas (diferentemente das ciências da matéria) podem agir diretamente na qualidade de vida, transformando-a segundo interesses daqueles que a financiam. O avanço da energia atômica poderá tornar a vida mais confortável se seu uso for aproveitado de maneira sábia e pelo bem da humanidade, ou pode nos levar para caminhos desconfortáveis e de quem sabe, de uma futura aniquilação total da vida humana com uma catástrofe nuclear.

¹⁰ Sobretudo pelo intervalo de 1931 a 1951, que representou um grande avanço nessa área, vide a experiência de Hiroshima e Nagasaki em 1945, pesquisada pelo autor Eric Hobsbawm em *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*, Companhia das Letras, 1995.

Não há dúvida de que o avanço de energia atômica represente uma revolução na história da humanidade, mas não representa uma revolução final (a não ser que ocorra uma guerra nuclear, o que possivelmente representaria o fim da civilização), aquela revolução que Huxley caracterizou como realmente revolucionária. Essa revolução mais complexa e mais radical precisa para acontecer atingir e mudar os pensamentos e as ações dos indivíduos, transformar os princípios morais antes existentes em novos (uma revolução econômica, política, sexual e cultural), ou seja, as pessoas precisam acreditar na revolução, mais do que um acontecimento exterior ao homem, a revolução final deve ser interiorizada pelos membros da sociedade. Tal qual como ocorreu no *Admirável Mundo Novo*, onde a revolução realmente revolucionária foi alcançada pelos seus governantes com o objetivo de conseguirem uma total estabilidade social, utilizando-se dos meios científicos (condicionamento, eugenia) para consagrarem tal êxito.

Os governantes do *Admirável Mundo Novo* edificaram uma sociedade radicalmente distinta de qualquer outra que já conhecemos, claro que várias técnicas da teoria comportamental behaviorista e outras de diferentes teorias foram experimentadas e aplicadas por alguns governos (assunto que analisarei no terceiro capítulo), mas não tão profundamente e sistematicamente empreendidas como vimos na antiutopia huxleiana. Apesar dos avanços na área da engenharia genética ainda não fabricamos bebês Ípsilon, Gama e Beta em laboratórios gigantescos e a reprodução sexuada não foi eliminada: certamente iremos esperar por mais alguns séculos para que isso ocorra, apesar de Huxley acreditar que esse futuro estava eminente de gerações próximas a dele.

Considero que outros problemas cruciais que implicam diretamente na qualidade de vida das pessoas não foram abrangidos ou explorados por Huxley no *Admirável Mundo Novo*. Foram omitidas da antiutopia huxleiana questões fundamentais, como a questão ambiental e suas implicações que afetam a existência dos homens e será um dos problemas mais sérios que teremos que enfrentar nos séculos posteriores. A questão da água, enquanto recurso natural não-renovável que pode vir a se esgotar em um período de tempo próximo do que vivemos não aparece no *Admirável Mundo Novo*, como também não há qualquer referência aos problemas relacionados com a devastação do meio-ambiente e os

comprovados impactos na população que dela seriam resultantes¹¹. Como sabemos apenas poucos países possuem reservas de água adequada ao consumo humano (p. ex: o Brasil), enquanto outros países têm uma grande carência em relação a esse tema. Indispensável para a vida humana e para continuidade de sua permanência no mundo, a falta da água pode levar nações a conflitos sérios com conseqüências desastrosas.

Para escapar desse problema, nem o dinheiro dos ricos servirá para alguma solução, já que a falta da água – e de todas as outras catástrofes ambientais, como a devastação da Floresta Amazônica – irá atingir pobres e rico da mesma maneira. A devastação do meio ambiente e seus impactos na qualidade da vida humana, devido a sua importância, deveriam ter sido retratados de alguma maneira no *Admirável Mundo Novo*, não como tema principal, mas fazer parte da estória como um problema crucial para a continuidade da existência humana.

Uma revolução realmente revolucionária como a levada aos extremos do *Admirável Mundo Novo* é o último passo que a humanidade daria antes de uma possível guerra nuclear que representaria fatalmente a aniquilação dos seres humanos. Um sistema edificado na completa organização social, no programa de eugenia que produza um sistema de castas¹², na inibição individual das vontades com um forte condicionamento feito desde os primeiros anos de vida e o uso diário de doses de Soma produziram uma servidão completa e total dos indivíduos a um sistema. Os governantes do *Admirável Mundo Novo* foram capazes de conseguirem estabilidade social com o uso indiscriminado da ciência, do consumo de drogas sintéticas e de uma propaganda eficiente e racional a favor de um sistema que não se utiliza da repressão física e da violência do Estado para controlar seus submissos.

A servidão que os indivíduos do *Admirável Mundo Novo* prestam ao regime baseado na produção e consumo em larga escala semelhante ao taylorismo, assemelha-se muito mais a um regime democrático do que um regime ditatorial baseado no modelo do comunismo soviético como encontramos em *1984*¹³ de Orwell.

¹¹ A questão da escassez de água potável é marcante na contra-utopia de Ignácio de Loyola Brandão, *Não Verás País Nenhum*, Editora Codreci, Rio de Janeiro, 1981.

¹² A eugenia é um programa de Engenharia Genética que visa a perpetuação do patrimônio genético de uma determinada raça, que se constituiria numa casta, ou seja, uma classe social que ocupa um posição rígida e hierárquica dentro da sociedade segundo seus padrões de raça.

¹³ ORWELL, George. *1984*. Tradução de Wilson Velloso. 10ª. ed, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

O que é o mais fascinante na antiutopia de Huxley e o que a torna mais verossímil em relação ao nosso tempo (e principalmente, das futuras gerações) revela que o totalitarismo baseado na força e na repressão é menos eficaz do que um sistema totalitário que consiga abranger toda uma população a favor de um regime sem necessariamente precisar usar a punição e o castigo.

Quando os homens amam a escravidão a revolução realmente revolucionária foi concretizada, como demonstra claramente Huxley no prefácio do *Admirável Mundo Novo* sobre a eficácia do estado totalitário baseado na permissividade e não na repressão:

“Um estado totalitário realmente eficaz seria aquele em que o executivo todopoderoso constituído de chefes políticos e de um exército de administradores, controlasse uma população de escravos que não precisassem ser forçados, porque teriam amor a escravidão”. (HUXLEY, 1980: 18).

Por esse motivo podemos compreender porque as gerações que viveram sob o regime militar brasileiro que se iniciou em 1964, foram gerações que lutaram pelos seus ideais, que enfrentaram a repressão e a censura, ou seja, foram capazes de se organizar (estudantes, militantes, setores da esquerda, intelectuais) para combater um regime baseado na força bruta e na violência generalizada, acreditavam que um mundo melhor era possível e estavam dispostos a morrer por um ideal.

Fato que não ocorre com a geração pós-regime militar, as décadas de 90 e 2000 não ofereceram nenhuma causa concreta para partir para luta. Os jovens que não viveram os “anos de chumbo” são apáticos e apolíticos, conformados e alienados da realidade nacional e mundial, sem ideais para defender e vivendo numa sociedade extremamente consumista com uma tecnologia sofisticada e desenvolvida que oferece conforto e satisfação para aqueles que possuam poder aquisitivo para desfrutá-la. Todo esse aparato de consumo caracterizou uma geração de jovens que está voltada unicamente para satisfazer seus prazeres pessoais a qualquer custo, o movimento estudantil está restrito a pequenos grupos nas Universidades públicas incapaz de qualquer manobra política que cause algum impacto maior na sociedade.

O uso da repressão, tortura, violência, humilhação e do castigo físico e psicológico feito pelos governantes aos indivíduos de uma sociedade não são garantidores de controle social eficaz, exatamente, por não produzirem um sentimento de comprometimento e

devoção nas mentes e corações dos subalternos frente a um sistema, as pessoas precisam acreditar que os governantes estão fazendo o melhor por eles para não se rebelarem e incendiarem uma revolta em massa contra um regime opressor. Para atingir o objetivo de uma revolução realmente revolucionária e, conseqüentemente, garantir a estabilidade social é necessário uma revolução pessoal que faça com que os indivíduos amem a servidão.

Vários meios científicos e técnicas comportamentais foram praticados nos indivíduos do *Admirável Mundo Novo* de forma sistemática que levaram a uma estabilidade social perfeita: uma técnica de sugestão altamente aperfeiçoada (com o condicionamento infantil, e posteriormente, com o uso de drogas); uma ciência das diferenças humanas que seja capaz de classificar qualquer indivíduo de acordo com a hierarquia social; um substituto do álcool e dos outros narcóticos (devido à necessidade humana de desconectar-se da realidade) mais barato e menos prejudicial à saúde e finalmente, um sistema perfeitamente seguro de eugenia, destinado a transformar o homem em um produto padronizado, facilitando incrivelmente a tarefa dos governantes.

A possibilidade dessas descobertas e invenções se concretizarem ainda será respondida nas futuras gerações que se seguirão nos próximos séculos, já que para que esse quadro ocorra na realidade seriam necessários sucessivos governos totalitários dispostos a realizar tal empreendimento. No *Admirável Mundo Novo* a padronização de seres humanos foi levada a perfeição de uma maneira que ainda não conhecemos e que pode levar muitos séculos para tornar-se realidade, já os equivalentes da droga conhecida como Soma, o condicionamento através da hipnopédia e o sistema científico de castas são características que podem vir a fazer parte da realidade num espaço de tempo relativamente mais curto do que o imaginado por Huxley em 1931.

A promiscuidade sexual em que vivemos no nosso tempo não é radicalmente diferente daquela vivida pelos indivíduos do *Admirável Mundo Novo*, com uma severa restrição da liberdade política e econômica, há uma supervalorização da liberdade sexual, encorajada sabiamente pelos governantes¹⁴. Na antiutopia huxleiana as pessoas têm vários parceiros sexuais e são incapazes de um relacionamento amoroso e profundo, as relações estão baseadas na satisfação imediata do prazer sexual. A sexualidade encarada dessa forma

¹⁴ No mundo altamente permissivo do *Admirável Mundo Novo*, as relações amorosas são superficiais e frívolas, já que os indivíduos “não aprofundam as relações por estarem condicionados contra a solidão” (BERNARDO, 1995: p. 255), por isso torna-se mais fácil ter vários parceiros do que um só.

associada às drogas sintéticas que produzem um efeito tranqüilizante tem o cinema e o rádio usados como meios de comunicação de massa que promovem os princípios do sistema, e auxiliam consideravelmente para construir um espírito de servidão entre os indivíduos.

Huxley preponderou que as profecias descritas no *Admirável Mundo Novo* ocorressem seiscentos anos no futuro, ou seja, considerando a data em que o livro foi concebido sua antiutopia estava prevista por ele a tornar-se realidade aproximadamente no ano de 2131 d. C. Reconsiderando essa previsão, o autor afirmou que algumas das características de sua antiutopia poderiam se tornar realidade de gerações mais próximas da sua do que antes pensara.

Descartando a possibilidade da guerra nuclear que levaria a destruição da raça humana, o pesadelo de Huxley encontrava duas alternativas viáveis de concretização na história da humanidade se a civilização não for capaz de promover a descentralização do poder na mão de poucos governantes e de usar a ciência a favor do progresso humano e não de outra forma que o homem esteja subordinado a ela. Uma primeira alternativa seria uma quantidade de totalitarismos nacionais e militarizados espalhados pelo mundo com uma constante ameaça de uma guerra nuclear que levaria ao fim da humanidade, ou seja, vários totalitarismos presentes em diferentes nações tendo o terror da bomba atômica como epicentro. Outra alternativa viável de suceder seria um totalitarismo supranacional que englobaria todas as nações, resultante do caos social promovido pelo avanço devastador do progresso tecnológico (em especial com o advento da revolução atômica) em todas as áreas científicas e diretamente na qualidade de vida humana sob a égide da total eficiência do Estado e da estabilidade social a qualquer custo. Quaisquer das alternativas que viessem a acontecer pareciam para Huxley terríveis e eminentes profecias, e refletem claramente seu sentimento de extremo pessimismo presente fortemente em sua obra *Admirável Mundo Novo*, notável principalmente na escolha drástica do Selvagem de tirar a própria vida após um ritual macabro de autopunição e tortura.

Chegar a uma definição de utopia (e conseqüentemente de antiutopia) é uma tarefa extremamente árdua, já que existem várias aproximações possíveis e diferenciadas (política, literária e sociológica) para solucionar o que se tornou um problema de conceituação para diversos estudiosos que se dedicaram ao tema. O *Dicionário de*

*Política*¹⁵ de Norberto Bobbio aponta uma enorme controvérsia a respeito da definição de utopia devido a um valor subjetivo intrínseco a cada tentativa de solução desse impasse teórico que se estende a séculos.

Uma tentativa de definição que há muito já foi superada, encontra na etimologia do neologismo criado por Thomas Morus que unificou o significado de um lugar inexistente e feliz como resposta para o que é utopia. Para Karl Mannheim¹⁶ a utopia não é um projeto nem ótimo, nem inalcançável e nem absoluto, em sua definição que tornou-se célebre (1929), afirma que a mentalidade utópica pressupõe não somente estar em contradição com a realidade presente (como Thomas Morus em relação a conjuntura histórica que vivia) como também romper com todos os preceitos de toda ordem existente, é então uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais que desejam uma solução para os problemas econômicos, sociais e políticos de uma comunidade ou nação. A utopia seria então uma ideologia revolucionária distinguindo-se das ideologias conservadoras, as ideologias propriamente ditas; a definição de Mannheim traça uma relação entre a formação da consciência coletiva e a história política, o que seria uma aproximação política da definição do conceito de utopia, o que não se aplica a todas as utopias que se inserem adequadamente em outras aproximações¹⁷.

Os utopistas não só acreditam que um mundo radicalmente distinto do que vivem é possível de acontecer, como é inelutável, ou seja, num futuro mais ou menos definido seremos parte de uma realidade do total pessimismo ou da felicidade plena, o utopista crê que a utopia será a realidade do amanhã. Assim como o negativismo presente na obra *Admirável Mundo Novo* transforma-se na certeza que a vida caminha a passos largos para concretização do pesadelo descrito por Huxley. Entretanto, quais realmente seriam as utopias destinadas a realizar-se numa dimensão histórica, ou seja, qual das utopias por nós conhecidas que inevitavelmente seriam vivenciadas pelas gerações futuras corresponderia a uma necessidade de projeção dos desejos e sonhos dos homens, que não são plenamente

¹⁵ BOBBIO, Norberto e outros. *Dicionário de Política*. Tradução João Ferreira. 8º ed., Brasília – DF, Editora Universidade de Brasília, 1995.

¹⁶ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Tradução Sergio Magalhães Santeiro. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

¹⁷ É interessante ver a discussão estabelecida com o autor Paul Ricoeur (*Ideologia e Utopia*) ao questionar o método sociológico de Mannheim.

satisfeitos numa determinada situação histórica, e que diferenciam-se consideravelmente em épocas distintas complicando previsões e profecias.

Em sua definição mais generalizada e, talvez, a mais coerente e lógica de todas, a utopia com relevo político, social e tecnológico projeta os aspectos positivos de uma determinada sociedade, maximizando-os. Tal definição aplica-se ao conceito de utopia, revertendo essa lógica (ou seja, com a maximização dos aspectos negativos) o conceito de antiutopia (distopia para Norberto Bobbio) pode ter sua definição elucidada por esse viés, logicamente isso se torna um dos primeiros passos para entendermos as antiutopias, mas não explica todo o fenômeno.

Herbert Marcuse, considera que a utopia esteja ultrapassada, já que toda e qualquer transformação radical do ambiente técnico e natural é uma possibilidade concreta de acontecer, tendo em vista que a ciência pode plenamente fazê-lo, o conceito de utopia poderia somente ser aplicado se um projeto de transformação social que fosse contraditório as leis científicas de um determinado momento, entretanto, somos incapazes de prever o avanço da ciência e quais mudanças ocorreram com a espécie humana. A utopia, para Marcuse, seria atingida com a eliminação da fome e da miséria utilizando-se das forças produtivas materiais e intelectuais tecnicamente existentes, restringindo a definição de utopia a satisfação de todas as aspirações dos problemas econômicos e sociais¹⁸.

O utopista não limita-se a projetar uma sociedade na qual o homem contemporâneo pode considerar-se feliz porque vê satisfeitas todas suas aspirações, mas que sim, idealiza um homem que ainda não existe, um homem que vai contra todos os preceitos morais da sua realidade e passa por uma profunda revolução que o fará convicto de que deve servir com felicidade a um novo sistema que superficialmente o liberta como ocorre com as pessoas do *Admirável Mundo Novo*.

A utopia é um fim em si mesmo, seus idealizadores acreditam na possibilidade de realizar um modelo de sociedade com características que permitam uma alternativa histórica em relação ao presente e que fatalmente irá ocorrer no futuro contando principalmente com a revolução biológica, os avanços da ciência contemporânea e com os

¹⁸ Para Norberto Bobbio, Marcuse atribui a palavra utopia, o mesmo significado dado pelo engenheiro agrônomo René Dumont de *L'utopie ou la mort* (1973), ou seja, ao considerar que a utopia plena é possível somente com a eliminação da fome e da miséria, o homem contemporâneo teria realizado todas as suas aspirações correntes, o que em tese poderia significar apenas um salto quantitativo e não qualitativo. (BOBBIO, 1995: p. 1286)

condicionamentos comportamentais que levariam, para uns na concretização de um sonho utópico de modificar o curso da evolução natural do homem controlando o ambiente em que vive (como é para o psicólogo comportamental B. F. Skinner que aplicou suas técnicas behavioristas em sua célebre utopia *Walden II*¹⁹) ou para outros o pesadelo utópico (antiutopia) que descrevia uma sociedade em que a ordem atingiu um grau de excelência nunca antes imaginado em que a ciência é usada como ferramenta para determinar a condição social dos homens nascidos nas salas de Predestinação Social do *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley.

O negativismo e pessimismo constante presente na obra de Huxley, no que é um desencanto total com os rumos tomados pela civilização que desemboca num mundo altamente controlado onde as pessoas perdem seu referencial de individualidade, encontramos na obra de Huxley as principais características das antiutopias e o que as diferem das utopias propriamente ditas: um projeto de sociedade radicalmente distinto do presente com uma profunda reflexão histórica ao maximizar os aspectos negativos da contemporaneidade e torná-los matéria-prima para uma “revolução realmente revolucionária” que concebe um novo homem frente a novos problemas e novas contradições a enfrentar.

¹⁹ SKINNER, Burrhus Frederic, *Walden II: Uma sociedade do futuro*. Tradução de Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva, 2^a. ed., São Paulo. EPU, 1978. A utopia de Skinner, considerada por Norberto Bobbio como uma utopia radical (“que seria pleonástico se o desgaste da palavra não tivesse reduzido seu significado”) elege a ciência como um meio de utilizar as tecnologias “físicas, biológicas e comportamentais” para salvar o homem. (BOBBIO, 1995: p. 1286)

Capítulo II: *Retorno ao Admirável Mundo Novo*

A “(...) utopia negativa há muito tempo se tornou realidade e que vivemos hoje no mais totalitário de todos os sistemas, cujo centro é formado pelo próprio Ocidente democrático”.(KURZ, 2003: p.15)

Nesse segundo capítulo pretendo analisar o livro escrito por Aldous Huxley, em 1959, *Retorno ao Admirável Mundo Novo*²⁰, duas décadas após o *Admirável Mundo Novo*, com o intermédio dos comentaristas João Bernardo²¹ e Olavo de Carvalho²² no intuito de ponderar as principais razões e justificativas que estão presentes em todos os aspectos de sua principal obra. Os elementos fictícios, que constituem a atmosfera presente na sociedade fictícia criada por Huxley, são extremamente fundamentados nas técnicas e métodos de manipulação do indivíduo e das massas; em *Retorno ao Admirável Mundo Novo* o autor descreve as pesquisas nesse campo realizadas por cientistas e psicólogos e utilizados não só por ditadores, mas também pelos dirigentes das sociedades democráticas ocidentais, revelando o totalitarismo implícito nas democracias. Concluo com as concepções de Karl Mannheim e Paul Ricoeur sobre utopia e suas contribuições para uma melhor compreensão do tema.

Retorno ao Admirável Mundo Novo é uma autocrítica feita pelo autor de sua famosa contra-utopia, é um balanço do que ele considera suas principais qualidades (que seriam as concretizações de algumas de suas profecias) e suas maiores falhas (como a omissão da bomba atômica e da guerra nuclear). O livro é dividido em 12 capítulos, onde em cada um deles, Huxley analisa os principais aspectos presentes no *Admirável Mundo Novo*, tais como a superpopulação, superorganização, a propaganda numa sociedade democrática e a propaganda sob uma ditadura, lavagem cerebral, persuasão química, persuasão subconsciente e hipnopédia (termo que descreve sessões de terapia comportamental feitas durante o sono dos pacientes).

²⁰ HUXLEY, Aldous. *Retorno ao Admirável Mundo Novo*. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus – Livraria Editora Ltda, 1959.

²¹ BERNARDO, João. *Parábola acerca da mais valia-absoluta e da mais-valia relativa*. Educação e Sociedade, ano XVI, nº 51, agosto de 1995.

²² CARVALHO, Olavo. *Dois estudos sobre Aldous Huxley*. Prefácios ao *Admirável Mundo Novo* e *A Ilha*, escritos para a reedição dessas obras pela Editora Globo, São Paulo, 2001.

Todos os temas que permeiam o livro *Regresso ao Admirável Mundo Novo* (no seu título original *Brave New World Revisited*) remetem aos métodos e as técnicas de manipulação das massas que são usadas pelos governantes fictícios do *Admirável Mundo Novo*, e revelam que por detrás de todos os aspectos que constituem o pesadelo imaginado por Huxley, em 1931, existem pressupostos teóricos e científicos que fundamentam os mesmos. Porém, eram métodos de manipulação que ainda estavam em sua fase inicial (na sua fase de descobertas) e por isso, testados em cobaias humanas em algumas experiências esparsas feitas, principalmente, por psicólogos e muitas vezes com o apoio do governo.

Olavo de Carvalho considera o livro uma coletânea de ensaios sobre:

“(...) lavagem cerebral, persuasão química, hipnopédia, influência subliminar e outras técnicas de manipulação comportamental que, previstas para o século VII d.F., já estavam prontas para o uso na metade do século XX. Passado mais de meio século, porém, já transcendemos a época das descobertas técnicas e entramos, em cheio, na sua aplicação rotineira em escala mundial²³”.

No Capítulo 10. Hipnopédia, Huxley relata uma inusitada experiência ocorrida em 1957 no Estado da Califórnia (EUA) em uma instituição penal. Um grupo de presos participara, voluntariamente, de uma “experiência de psicologia”: através de alto-falantes localizados nas cabeceiras de cada cama, eram repetidas continuamente frases como: “estou cheio de amor e de compaixão por todos, assim me ajude Deus”. Dessa forma, os dirigentes da cadeia pretendiam inculcar valores e princípios que consideravam virtudes necessárias para aqueles homens serem melhores e se tornarem “bons”, reprimindo os sentimentos de agressividade e maldade. A intenção dessa experiência é introjetar idéias, princípios ou valores de forma mecânica, ou seja, o ouvinte supostamente deve reter essas frases que são repetidas durante seu sono e torna-las parte integrante de seu pensamento, o que influenciará diretamente em suas ações.

Algo semelhante que ocorre ao protagonista da distopia *A Laranja Mecânica*²⁴ (livro de Antony Burgess e, também filmado pelo diretor Stanley Kubrick em 1971), o jovem Alex, que juntamente com sua gangue praticava deliberadamente crimes, roubos,

²³ CARVALHO, Olavo. *Dois estudos sobre Aldous Huxley*. Prefácios ao *Admirável Mundo Novo* e *A Ilha*, escritos para a reedição dessas obras pela Editora Globo, São Paulo, 2001.

²⁴ BURGESS, Anthony. *A Laranja Mecânica (A clockwork Orange)*. Trad. Nelson Dantas. Rio de Janeiro: Ed. Antemova, 1977.

espancamentos e estupro para satisfazer seus prazeres embalados pelo uso de drogas. Ao ser capturado pela polícia, Alex é submetido a um tratamento de terapia comportamental, que consistia em assistir forçadamente a ininterruptas cenas de violência chocante e explícita, uma espécie de lavagem cerebral que o faz reagir e subitamente se sentir mal ao ver ou praticar qualquer ato violento.

A obra *A Laranja Mecânica* evidencia as teorias da psicologia comportamental behaviorista de Skinner, através da terapia Alex deve tornar-se “bom”, o problema se dá quando na medida que o mundo em que ele vive ainda é “mau”. O homem da utopia em *A Laranja Mecânica* é transformado em “bom” de uma forma violentamente manifesta, ao contrário do que ocorre em *Admirável Mundo Novo*, onde os homens são determinados geneticamente como pessoas das camadas inferiores com um menor nível de inteligência, o que facilita sua submissão ao sistema.

As técnicas que são usadas para manipular as multidões nem sempre são eficazes quando aplicadas individualmente. Esses métodos de manipulação pública foram constantemente usados por Hitler, o próprio ministro de Armamento de Hitler, Albert Speer, reconhece que a

“ditadura de Hitler (...) como a primeira que aplicou um uso total de todos os recursos técnicos para dominar seu próprio país. Através de artifícios técnicos como o rádio e o alto-falante, oitenta milhões de pessoas foram privadas da liberdade de pensar. Desta maneira foi possível sujeitá-las ao desejo de um homem...” (HUXLEY, 1959: p. 69)

Pretendia-se, então, um homem que fosse extremamente manipulável, totalmente suscetível às ordens e incapaz de realizar críticas. Mas não só o rádio e o alto-falante que faziam parte do arsenal de dispositivos técnicos disponíveis para Hitler, também, foram usados o cinema e a televisão como armas da propaganda nazista. Os métodos de manipulação foram sendo aperfeiçoados com o passar dos anos, principalmente, na psicologia e na neurologia, por isso, a constatação de Huxley de que:

“(...) Hoje, a arte de controlar os espíritos está em vias de tornar-se uma ciência. (...) o pesadelo que foi ‘quase concretizado no sistema totalitário de Hitler’ não tardará talvez a ser totalmente realizável” (HUXLEY, 1959: p. 71)

A capacidade de Hitler em controlar as massas alemãs fica comprovada na eficácia de seus meios utilizados (fazer as pessoas marcharem em filas por muito tempo tornava-se

um ritual), retirando os preceitos morais tradicionais e implantando uma nova ordem autoritária. O princípio que fundamenta todo planejamento de manipulação das massas envolve a noção de que as pessoas não agem segundo a razão e conhecimento, mas sim pelo impulso e pela emoção, ou seja, sabendo como agir sobre os impulsos inconscientes, os propagandistas são capazes de através de discursos que falassem dos sentimentos, anseios, desejos e sofrimentos; atingir assim, mais facilmente seus objetivos de conquistar a população.

A manipulação sobre os homens torna-se mais impressionante em épocas onde os problemas da superpopulação estão cada vez mais presentes, com uma conseqüente evolução dos meios de comunicação das massas, dificultam a soberania do indivíduo que perde-se meio à sociedade de consumo.

As técnicas usadas para manipular indivíduos isoladamente são bastante distintas daquelas usadas para controlar os espíritos das massas. As experiências feitas por Ivan Pavlov, sobre os reflexos condicionados, trouxeram descobertas sobre o comportamento animal diante de circunstâncias diante de situações artificiais. Quando os animais de laboratório eram submetidos a uma forte e prolongada tensão física e psíquica, estes exibiam todos os sintomas de uma depressão nervosa. Quando a tensão tornava-se insuportável, o cérebro desses animais, de certa forma, paravam de funcionar ou entravam em um funcionamento retardado; o que pode variar de um animal para o outro. Mas mesmos os animais, como os cães mais resistentes, soçobravam após um período mais longo de tensão que eram expostos.

Nas Grandes Guerras Mundiais, as descobertas de Pavlov foram amplamente confirmadas, já que os soldados voltavam da guerra com vários distúrbios psicofísicos, denominados na época de “horror nervoso à guerra” e “fadiga da guerra” e como aconteceu com os cães, alguns homens eram mais resistentes do que outros, alguns suportavam trinta dias de tensão, outros cediam em quinze dias de combate, os mais fortes agüentavam durante quarenta dias contínuos. Porém, por mais ou menos tempo, todos soçobravam no final, o que revela que cada pessoa tem um limite próprio de resistência, mas todos acabam cedendo as pressões exercidas pelo ambiente.

A tortura e o castigo físico foram usados sistematicamente para obter confissões, testemunhos ou por crueldade pelos governantes. As descobertas científicas de Pavlov

levaram ao conhecimento dos dirigentes e ditadores conseqüências práticas importantes: “*se o sistema nervoso central dos cães pode ser levado a soçobrar, o sistema nervoso central dos prisioneiros políticos pode ser da mesma forma*”. (HUXLEY, 1959: p. 104) Durante um período de tensão física e psicológica, as pessoas, mesmo as mais resistentes tem a propensão de tornarem-se muito mais sugestionáveis, o que facilita a introdução de novos comportamentos através do condicionamento, e que estes ficam como parte integrante de seu intelecto.

Vários fatores se observados atentamente, funcionam como elementos que aumentam o potencial de manipular as massas, como Hitler percebera que reuniões grupais eram mais eficientes durante o período da noite, e não de dia. A fadiga (assim como emoções fortes e negativas) é um fator que facilita o dominado sucumbir à vontade do dominante, já que nesse período há um aumento considerável da sugestibilidade.

A complexidade dos métodos torna a propaganda política e religiosa extremamente eficaz, não importando quais sejam as doutrinas, o que importa para os ditadores são os métodos e técnicas. Por isso, os métodos científicos pavlovianos foram aplicados em prisioneiros políticos pela policia comunista, submetendo-os a várias pressões físicas e psicológicas. Os prisioneiros são mal-alimentados, as condições dos alojamentos são as piores possíveis e sofrem interrogatórios durante horas seguidas, o que leva a um elevado grau de tensão fazendo com que os prisioneiros confessem o que fizeram e o que não fizeram, alguns podem apresentar sintomas de doenças mentais graves (neurose e histeria) e certamente muitos cometem o suicídio. Do contrário, os prisioneiros políticos podem apresentar um padrão de comportamento totalmente novo, renegando suas ligações mais profundas com seu passado, sua tradição e até a família, nesse caso há uma conversão de uma pessoa que antes um inimigo do sistema e depois, torna-se um servo.

A técnica da lavagem cerebral tem sua grande eficiência, como método de violência, na habilidade da manipulação psicológica individual. Numa ditadura na tradição do *Admirável Mundo Novo* os métodos de manipulação não serão tão necessários, pois, desde a primeira infância os indivíduos serão condicionados geneticamente a serem servos do sistema, não só os membros das classes baixas e médias (os que mais trabalham e menos recebem) como os das classes superiores, devem também, ser condicionados para não rebelarem-se contra o sistema. Caso contrário àqueles que se voltarem contra seus

governantes serão isolados em uma Reserva, totalmente afastados da civilização. Contudo, as técnicas de manipulação das massas e controle individual ainda não atingiram um grau elevado e sistemático como no *Admirável Mundo Novo*.

O indivíduo na contra-utopia huxleiana não precisa ser necessariamente condicionado como ocorre em *A Laranja Mecânica*, pois, a utopia pressupõe um homem totalmente diferente do homem de hoje, seu condicionamento ocorre já nos seus primeiros anos de vida, e, além disso, (como no *Admirável Mundo Novo*) ele é condicionado geneticamente. O sistema em que vive será, não um sistema que o agrada, mas sim onde ele é obrigado a viver, então “é preciso um homem que ainda não existe, aquele que saiba ir além dos princípios éticos que hoje são considerados válidos”. (BOBBIO, 1995: p. 1286)

A fantasia da ciência contemporânea é aplicada para predestinar geneticamente como as pessoas devem ser para que haja um controle total dos governantes. “*Isso não quer dizer que o homem da Utopia deva, necessariamente, nascer na sala de Predestinação Social do ‘Brave New World’ (1932)*” (BOBBIO, 1995: p. 1288). A modificação genética dos fetos em laboratórios revela como a biologia pode ser usada como um método de controle do comportamento humano. Para Francis Fukuyama, Aldous Huxley estava correto, enquanto Orwell estava errado. Assim, a “*distopia marcada pela manipulação de embriões, no romance Admirável Mundo Novo parece mais premonitória do que a “teletela” do Grande Irmão, no livro 1984*”²⁵. Ou seja, torna-se mais verossímil uma realidade como o *Admirável Mundo Novo*, onde o avanço da biotecnologia é uma potencial ferramenta para a efetiva manipulação da natureza humana.

Num dos capítulos mais interessantes do *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, 1. Superpopulação, Huxley define as principais razões que o levaram a escrever sua contra-utopia do modo como foi escrita, e imaginada como uma realidade que se apresenta muito mais próxima de um regime democrático do que um regime ditatorial nos moldes do stalinismo soviético. Nesse capítulo, Huxley faz interessantes comparações entre a sua contra-utopia e a de George Orwell, *1984*: “*a sociedade descrita no 1984 é uma sociedade controlada quase exclusivamente pelo castigo. No mundo fictício da minha própria imaginação, o castigo não é freqüente e é de um modo geral, brando*”. (HUXLEY, 1959:

²⁵ LEITE, Marcelo. “*Biologia permitirá controlar o comportamento humano*”. In: Folha de São Paulo, 1º. de setembro de 2003. Entrevista concedida por Francis Fukuyama, polêmico autor de “O Fim da História” para Marcelo Leite, editor de Ciência da Folha de São Paulo.

p.18) Ou seja, no *Admirável Mundo Novo*, ao invés da punição violenta e da constante repressão física e psicológica dos dirigentes diante de qualquer ato indesejável de seus súditos; tem-se um reforço do comportamento desejável, numa tentativa de fazer com que as pessoas aprendam a “amar a servidão”, já que (segundo as teorias comportamentais behavioristas) o controle do comportamento é muito mais eficaz quando as pessoas são recompensadas pelos seus atos desejáveis, do que pela tortura ou castigo na tentativa de reprimir atos indesejáveis mediante a constante ameaça do uso da violência pelo Estado.

Isso leva João Bernardo a considerar que:

*“Publicado em 1932, Brave New World (Admirável Mundo Novo) de Aldous Huxley foi, como antecipação do futuro, muitíssimo mais perceptivo do que 1984, que lhe é dezessete anos posterior.”*²⁶

A futura ditadura descrita por Huxley presencia o pesadelo da ordem excessiva nas mãos de dirigentes que souberam efetivar um controle das mentes e corpos dos indivíduos de forma quase perfeita, com o uso de técnicas de manipulação das massas como a propaganda, hipnopédia, drogas. Huxley, afirma então, haver cometido um erro em relação às datas, e aquilo que havia suposto acontecer num futuro muito longínquo de sua época, seria uma realidade presente das gerações de seus netos; já que muitas de suas profecias realizaram-se, antes do que foi previsto em *Admirável Mundo Novo*.

A hipnopédia (ou seja, sono e hipnose), que era um exemplo de uma técnica de condicionamento comportamental é feita num período (do sono) onde a resistência psicológica de um indivíduo é baixa, portanto mais aceita a sugestões que são induzidas repetitivamente, e portanto, não pode ser nunca considerado uma forma de ensino, já que para haver qualquer atividade intelectual é preciso minimamente um estado de consciência que permita um nível aprimorado de atenção e reflexão, portanto, a

“atividade intelectual é inconciliável com o sono. A hipnopédia só obteve êxito quando foi usada para treino moral – por outras palavras, para condicionamento do comportamento num tempo de resistência psicológica diminuída” (HUXLEY, 1959: p. 146)

²⁶ BERNARDO, João. Aridez e futilidade: *Parábola acerca da mais-valia absoluta e da mais-valia relativa*. In: Educação e Sociedade, ano XVI, nº 51, p. 250 – 258, agosto de 1995.

Essa experiência foi fundamental para Huxley, sobretudo no Capítulo 2 do *Admirável Mundo Novo* onde o Diretor das Incubadoras e do Condicionamento (DIC), ao falar com alguns alunos explica a essência da hipnopédia, um “método de educação ética controlada pelo Estado”. Em verdade, ainda não temos um programa governamental que seja aplicado sistematicamente nas pessoas como ocorre no *Admirável Mundo Novo*, onde a hipnopédia foi um método que obteve grande êxito em controlar parte da população. Sobretudo as classes inferiores que são submetidas desde a primeira infância a sessões repetitivas de sugestões com conteúdos morais, principalmente de conformismo e submissão em relação aos seus governantes (as sugestões são as sugestões do Estado). Assim, a capacidade de rebelar-se contra o regime era praticamente nula, “*nenhum cidadão pertencente ao Admirável Mundo Novo causou jamais qualquer perturbação*”.(idem)

As sugestões hipnopédicas aplicadas como um instrumento do poder, mesmo que feitas com boas intenções (como na instituição penal na Califórnia) levanta objeções contra seu método, que é imoral, e até o momento ilegal. Transmitidas durante o sono leve e não o profundo, as sugestões podem representar “slogans, fórmulas e palavras-chaves profundamente gravadas na memória”, ou seja, através da hipnopédia pode-se efetivamente atingir resultados que se assemelham a hipnose, modificando e alterando sentimentos e comportamentos.

A sugestibilidade, contudo, não é feita somente durante o sono, é também exercida quando as pessoas estão acordadas, variando de indivíduo para indivíduo o grau de sugestibilidade. Assim, a preocupação de Huxley em relação a esse grau: não poderia haver uma resistência extrema a sugestibilidade; aqui o autor é ambíguo: “(...) *se cada pessoa fosse tão incapaz de ser sugestionada como algumas o são, a vida em sociedade seria impossível*” (idem, p. 155). No que corresponde esse nível de aceitação da sugestão, seria como uma imposição dos dominadores sobre os dominados, na incapacidade de viver sendo um sujeito altamente questionador ou, por outro lado, seria como um regulador social necessário para que exista a vida em sociedade, como as normas e os tabus universais.

A reflexão sobre a hipnopédia leva Huxley a considerá-la como um instrumento de poder e persuasão dentro dos “ideais da democracia e da liberdade”, no que refere-se ao eleitores e pessoas altamente sugestionáveis, que são uma minoria, mesmo assim, a sugestão também pode ser usada para manipular a maioria da população, se for habilmente

exercida pelos profissionais. Se a democracia só pode existir com a aceitação de uma parte das pessoas a sugestibilidade, podemos considerar os limites da liberdade delimitados dentro de um regime democrático, ou seja, a liberdade dos indivíduos é limitada pelas normas e valores das sociedades em que vivem, e que só num caso extremo, onde a hipnopédia é encarada como um “*método de educação ética controlada pelo Estado*”, como ocorre no *Admirável Mundo Novo*, a sugestibilidade pode exercer tão forte influência direta nos indivíduos.

No Capítulo 8. Persuasão Química do *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, Huxley decorre sobre um dos primordiais componentes que foram usados de forma sistemática e metódica pelos governantes do *Admirável Mundo Novo* no controle dos indivíduos, um componente que permite a submissão das pessoas sem questionamento, nem revolta: o uso de doses regulares e diárias de uma droga sintética conhecida como Soma.

O Soma é um composto químico, assim denominado por Huxley, que inspirou-se numa planta desconhecida (*Asclepias acida*) que era usada em rituais religiosos por antigos arianos que invadiram a Índia. Um suco intoxicante era retirado dos caules da planta e ingerido pelos nobres e sacerdotes em cerimônias e rituais complexos; os benefícios da droga compensavam o alto risco de seu uso: proporcionava uma sensação imediata de alegria e entusiasmo, de plenitude e da certeza da imortalidade; porém, a droga se ingerida em grandes quantidades causam doenças e até a morte.

No *Admirável Mundo Novo* o composto químico Soma vem a substituir todas as outras drogas legais e ilegais: “(...) não havia uísque, nem tabaco, nem heroína proibida, nem cocaína de contrabando. As pessoas não fumavam, nem bebiam, nem cheiravam rapé, nem se dopavam”. (HUXLEY, 1959: p. 117) O uso do Soma era não só permitido como incentivado pelo governo (e não apresenta os riscos e os males da Soma original), quando alguém se sentiam mal ou deprimido, bastavam algumas pílulas de Soma para garantir longos momentos de paz e tranqüilidade, sem nenhum dos malefícios advindos do uso de drogas como o álcool, a cerveja e o tabaco. Quando administrada em doses elevadas, causava somente uma sensação de euforia, levando o usuário a ter algumas visões e depois de alguns minutos estaria imerso em um sono profundo.

Todos os problemas ou males sentidos pelas pessoas do *Admirável Mundo Novo* podiam ser evitados com o uso do Soma, isso sem representar nenhuma ameaça a saúde

física e mental de quem a utilizava; além de ser uma droga legal e ter seu consumo incentivado pelo governo. Ou seja, a droga em *Admirável Mundo Novo* é concebida unicamente como manipulação química, sendo usada não como um vício privado, mas como um instrumento de domínio que é parte de um programa governamental para garantir um estado de felicidade plena e permanente dos indivíduos, para adaptar todos ao sistema, combatendo a agitação social, a rebelião, a revolta, a agressividade e a divulgação de idéias subversivas.

No *Admirável Mundo Novo*, a droga toma o relevo de religião, ao propiciar ao povo uma sensação de compensação, consolação e bem-estar, com visões e promessas de um outro mundo, melhor e mais justo. Porém, esse alcance não seria possível com o uso de outras substâncias, como p.ex., a cerveja; que têm muito mais efeitos indesejáveis após seu uso, já que “é uma droga do tipo mais grosseiro e incerto” (HUXLEY, 1959: p. 117). O uso do Soma é mais do que um simples tranqüilizador, um calmante que entorpece a população, e sim, um inibidor de qualquer desejo que possa ser comprometedor ao regime em que vivem os indivíduos do *Admirável Mundo Novo*.

Os efeitos psicofísicos do composto químico imaginado por Huxley e suas conseqüências nas gerações futuras – obediência e docilidade – eram descritas pelo autor em 1931, concomitantemente as pesquisas de um bioquímico americano, Dr. Irvine Page, sobre uma área então pouco pesquisada: a química cerebral. O campo da química cerebral, passados vinte e sete anos, ganha um espaço privilegiado na ciência com investigações bioquímicas e psico-farmacológicas das enzimas que regulam e agem sobre os processos cerebrais. Essas enzimas (como a serotonina e o adrenocromo) foram sintetizadas e seus efeitos sobre as funções mentais e físicas investigados. Muitas drogas sintetizadas que inibem ou estimulam a produção de várias substâncias químicas do corpo humano (a partir desses estudos no campo da química cerebral), não causam nenhum efeito maléfico, permitindo que o sistema nervoso continue a operar normalmente. Essas drogas permitem alterar a química corporal no combate a dores e doenças do corpo, sem danificar o organismo, a não ser que sejam usadas em excesso.

Nesse sentido, essas drogas sintéticas (comercializadas pela indústria farmacêutica) podem ser usadas como era usado o Soma no *Admirável Mundo Novo*; o mesmo não ocorre com “as drogas modificadoras da mente, empregadas no passado” (idem, p. 120) As drogas

conhecidas por nós que são usadas e comercializadas no mundo não apresentam todas as conveniências como o Soma. O ópio, p. ex., é uma droga altamente viciante e que comprometeu a saúde de muitas pessoas desde seu uso em tempos remotos até o presente. O álcool, também, é uma droga que causa sérias conseqüências para a saúde do homem, e por ser uma droga lícita, seu uso é extremamente difundido entre a população, sobretudo em bairros de classe baixa onde há um bar em cada esquina, de fácil acesso e por ser financeiramente viável, “tem sido uma das principais causas, há oito ou dez mil anos, do crime, da infelicidade doméstica, da degradação moral e de acidentes evitáveis” (idem, 121) .

A cocaína diferentemente entre os estimulantes mais conhecidos como o chá, o café e o mate (que são muito fracos e não apresentam um risco à saúde) é uma droga altamente perigosa e poderosa. Os efeitos após seu uso dão uma sensação de euforia, alegria, autoconfiança e aumento da auto-estima, no entanto, “(...) aqueles que fazem uso dela devem pagar os êxtases, o seu sentido de poder ilimitado, físico e mental, com fases agudas de depressão agônica (...) e por alucinações paranóicas que podem levar a crimes violentos” (idem) Assim, como outro estimulante bastante difundido em países como o Japão (um milhão de viciados) a anfetamina (vendida principalmente em comprimidos) representa mais uma séria ameaça à saúde pública, altamente viciante e perigosa quando usada em excesso.

Dentre os alucinantes mais inofensivos estão o *peyote* encontrado no México e sudoeste dos Estados Unidos – muito usado pelos índios em rituais religiosos; é uma substância de gosto repugnante e provoca náuseas durante algumas horas –, e a *Cannabis Sativa* (nome científico da droga conhecida como maconha, marijuana ou hachiche), muito popular entre os jovens de todo mundo “não é uma droga tão inócua – se bem que menos perigosa do que os amadores de sensações nos queriam fazer supor” (idem); ou seja, mesmo que essas drogas sejam consideradas mais leves, apresentam inconvenientes em relação à saúde do homem. Mesmo o ácido lisérgico (LSD-25, dietilamida do ácido lisérgico) – muito difundido entre a geração hippie dos anos sessenta - não é tão inofensiva como crêem alguns de seus apologistas. Principalmente, por ter sido bastante pesquisada por farmacologistas que facilitaram sua sintetização em pequenas doses (comercializadas

mundialmente) que produzem alucinações e visões durante algumas horas,mas não sem inconvenientes:

“(...) os farmacologistas criaram recentemente outro aspecto do Soma – um intensificador da percepção e um gerador de visões, que é, fisiologicamente falando quase de graça. Essa droga extraordinária, que é eficaz em doses tão pequenas como cinqüenta ou até vinte e cinco milionésimos de grama, tem a virtude (como o peyote) de transportar as pessoas para o Outro Mundo. Na maioria dos casos, o Outro Mundo a que o LSD-25 dá acesso é celestial; mas pode ser outrossim, alternadamente purgatório ou até infernal” (HUXLEY, 1959: p.123)

O conhecimento de Huxley de todas essas drogas (não só cientificamente, mas também como um usuário de algumas delas, como o *peyote* e o LSD-25) permite que o autor seja capaz de estabelecer interessantes conclusões sobre o uso das mesmas, apesar de sua “tentativa – falhada – de descobrir nas drogas alucinógenas a rota de fuga para a percepção padronizada”. Se em outros momentos de sua vida essa experiência tinha um intuito de enaltecer e exaltar essas drogas (principalmente o LSD – 25) e “abrir as portas da percepção”, em *Retorno ao Admirável Mundo Novo* essa visão não é tão ingênua; mesmo que ele considere o LSD-25 como uma droga extraordinária (e nesse ponto o autor é muito confuso ao falar em um Outro Mundo) reconhece que a mesma pode levar seu usuário ao “purgatório” ou ao inferno.

A questão da experimentação das drogas toma um relevo mais complexo e mais revelador do que uma experiência “significativa e iluminante”, pois Huxley conclui que se for possível criar uma droga como o Soma, “um estimulante do espírito e do corpo, um produtor de euforia ativa, assim como da felicidade negativa que se segue a libertação da ansiedade e da tensão”, (HUXLEY, 1959: p. 124) seu emprego sistemático e metódico pode ser usado por ditadores para fins políticos. Então, Huxley faz uma denúncia de como as drogas podem representar – no futuro – um instrumento de

“manipulação química do comportamento, que ele denuncia corajosamente em Brave New World Revisited, e para os aspectos falazes e ilusórios da democracia, que ele caricatura impietosamente em seu ultimo romance, A Ilha, espécie de contrapartida dialética de Admirável Mundo Novo” (CARVALHO, 2001: p. 8)

O único obstáculo que separa um programa de “manipulação química do comportamento” do que apenas o uso de drogas e medicamentos por boa parte da população mundial para combater dores e males do corpo e da mente, é principalmente um estimulante ideal nos moldes do Soma, que seja financeiramente viável e que não apresente efeitos colaterais danosos à saúde pública. Apesar dos tranqüilizantes, estimulantes e calmantes vendidos em larga escala no mundo, serem cada vez mais baratos, ainda são consumidos com prescrição médica, então não estão ao alcance de todos (como o caso do álcool e do tabaco), contudo,

“(...) Não há dúvida de que, se os tranqüilizantes pudessem ser adquiridos a preço tão módico e de forma tão fácil como a aspirina, seriam consumidos, na aos bilhões, como são no presente, mas às vintenas e centenas de bilhões. E um estimulante, bom e barato, seria quase tão popular como estes” (HUXLEY, 1959: p.126).

Entretanto, mesmo que a ciência (principalmente com o incentivo da indústria farmacêutica) seja capaz de criar um medicamento que possa ser o substituto do Soma ainda não podemos afirmar que haja uma intenção governamental, de através das drogas controlar a química cerebral dos indivíduos, seja para

“(...) prevenir contra a agitação política transformando a química cerebral dos seus súditos, e fazer, dessa maneira que se contentassem com sua condição servil (...) empregar os tranqüilizantes para acalmar os excitados, estimulantes para avivar o entusiasmo dos indiferentes, alucinantes para distrair da miséria a atenção dos inditosos” (HUXLEY, 1959: p. 125)

No *Admirável Mundo Novo*, esses mecanismos de controle através da manipulação química foram efetivados de forma perfeita, sendo que todos os indivíduos usavam doses regulares diárias de Soma para combater qualquer mal-estar e infelicidade que pudessem sentir. Principalmente, porque o composto químico Soma não tinha a única função de garantir a tranqüilidade, gerar visões e propiciar estímulos, mas, fundamentalmente, “tinha a propriedade de aumentar a sugestibilidade e, desta maneira, podia ser empregado para alicerçar os efeitos da propaganda governamental”. (HUXLEY, 1959: p.127) Então, associado aos efeitos alienadores advindos do uso constante da droga soma-se o poder de persuasão da propaganda, com comerciais, anúncios, slogans que são exaustivamente

transmitidos pelos meios de comunicação de massa, que facilitam em muito a manipulação das pessoas²⁷.

Quando se trata da persuasão pela propaganda, aquilo que Huxley denominou de persuasão subconsciente (tópico do Capítulo 9 do *Regresso ao Admirável Mundo Novo*) o nível de eficácia atingido pelos publicitários é visivelmente maior nas camadas populares com um menor nível de resistência psicológica, ou seja, a persuasão subconsciente encontra uma maior aceitação nas pessoas que são mais sugestionáveis, com o uso sistemático de uma droga como o Soma, a propaganda no *Admirável Mundo Novo* é elevada ao status de verdade, inquestionável como as ideologias que corporificam o sistema.

Todos os temas abordados no *Regresso ao Admirável Mundo Novo* por Aldous Huxley são extremamente importantes para uma melhor compreensão de sua contra-utopia, e tomam a forma de denúncia, principalmente das técnicas de manipulação das massas e dos indivíduos (como a manipulação química, a lavagem cerebral, as artes de vender e a propaganda) são essencialmente importantes e revelam as motivações que permeiam os aspectos políticos, sócias, econômicos, culturais e psíquicos que constituem o universo do *Admirável Mundo Novo*.

Conforme o próprio autor “a questão da liberdade e dos seus inimigos é colossal, e o que escrevi certamente demasiado resumido para tratar como merece: contudo atingi muitos aspectos do problema”. (HUXLEY, 1959: p. 10) Ou seja, apesar de existirem várias omissões (principalmente, a ausência da bomba atômica) que poderiam tornar a obra de Huxley mais abrangente sobre os problemas que envolvem a liberdade dos homens nas sociedades democráticas, o autor foi capaz imaginar um totalitarismo com bases sólidas onde a repressão tem fundamento no controle total dos indivíduos não pela violência e uso de força monopolizado pelo Estado como nas ditaduras: “(...) A ordem social não se baseia aqui na repressão, mas na assimilação, e este é seu mecanismo totalitário” (BERNARDO, 1995: p. 255).

O principal êxito de Huxley é demonstrar que o totalitarismo está presente implicitamente nas democracias ocidentais, como aponta o comentarista João Bernardo, similarmemente Robert Kurz propõe uma leitura “a contrapelo” da contra-utopia *1984* de

²⁷ Dessa forma, as necessidades políticas particulares dos dirigentes tornam-se aspirações individuais dos membros comuns da sociedade: “(...) os nossos meios de informação em massa encontram pouca dificuldade em fazer aceitar interesses particulares como sendo de todos os homens sensatos”. (MARCUSE, 1982: p. 13)

George Orwell, ou seja, considerar que a denúncia de sua obra não atinge unicamente as ditaduras de Stálin e Hitler (mesmo não sendo essa sua intenção, já que o autor viveu a experiência imediata do nazismo e stalinismo), e que também nós – ocidentais – somos prisioneiros de um sistema totalitário homogêneo, já “que sua utopia negativa há muito tempo se tornou realidade e que vivemos hoje no mais totalitário de todos os sistemas, cujo centro é formado pelo próprio Ocidente democrático” (KURZ, 2003: p.15) Nesse sentido, a contra-utopia de Aldous Huxley corresponde em grande parte a uma crítica dirigida aos totalitarismos contemporâneos²⁸, como fica evidente em *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, nas denúncias feitas pelo autor das técnicas de manipulação das massas que são utilizadas pelos governos democráticos.

As concepções de Karl Mannheim em *Ideologia e Utopia* (1929), consistem numa tentativa de definir um conceito de utopia, construir uma tipologia e observar a dinâmica temporal das utopias. A definição de utopia para Mannheim difere-se de tantas outras, pois nega o neologismo criado Thomas Morus de “lugar inexistente e feliz”, ou seja, Mannheim estabelece uma crítica dirigida aos historiadores que fizeram uma história das utopias tendo como modelo a *Utopia* de Morus, referindo-se as utopias como “comunidades ideais”. Nesse sentido, Mannheim opta por recusar a via de interpretação da utopia clássica, compreende-se assim que sua conceituação de utopia seja ela abarcante de toda problemática que envolve o tema, a utopia para ser verdadeiramente uma utopia na concepção de Mannheim deve necessariamente conter o princípio de incongruência e o princípio de realizabilidade, i.é um projeto que envolva metas ou objetivos que estejam em contradição com a realidade presente e que possam vir a tornar-se realidade no futuro.

A obra de Aldous Huxley, avaliando a concepção de utopia presente no *Admirável Mundo Novo*, estabelecendo um diálogo com *O Regresso do Admirável Mundo Novo*, do mesmo autor, fornece ao historiador uma relação fecunda entre ficção e história, que envolve uma releitura histórica da literatura de sua obra.

²⁸ Exatamente nas sociedades que usam menos o terror do que as ditaduras, a liberdade parece cada vez mais ameaçada: “Quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade, tanto mais inimagináveis se tornam os modos e os meios pelos quais os indivíduos administrados poderão romper sua servidão e conquistar sua própria libertação”. (MARCUSE, 1982: p. 28)

Capítulo III: A Antiutopia Enquanto Gênero Literário

“Sempre houve na história da literatura certos ‘livros universais’ ou ‘livros do século’ que conferiram a épocas inteiras uma figura exemplar, obtendo assim um grande efeito, cujo eco perdura até hoje. Não por acaso a forma literária dessas obras é freqüentemente a parábola”. (KURZ, 2003: p. 14)

No primeiro e segundo capítulo preocupei-me em formular uma definição para o conceito de antiutopia que fosse capaz de abarcar toda a complexidade do tema sem simplificá-lo. Apesar de nesse terceiro capítulo focar a relação da literatura e história, não encaro as utopias somente enquanto gênero literário, num sentido de ser uma expressão literária que seja mero produto das fantasias de seus autores, revelando apenas um caráter satírico dos costumes sociais contemporâneos, mas como um pensamento que reflete uma certeza (para quem a escreve) de que uma alternativa radicalmente diferente do presente irá se concretizar num futuro indeterminado. Afirmando isso não no intuito de menosprezar o valor das obras literárias e seu respectivo conteúdo, pelo contrário, pretendo apenas focar nesse capítulo uma aproximação literária pelo viés da história para entender as antiutopias (mas especificamente, o *Admirável Mundo Novo*; tendo como apoio o comentarista Olavo de Carvalho que prefaciou algumas obras de Huxley), e para que o mesmo ocorra é necessário compreender o que podemos apreender da relação entre literatura e história.

A validade das obras literárias enquanto objeto de estudo para os mais diferentes pesquisadores de diversas áreas (historiadores, sociólogos, psicólogos) suas possibilidades e limitações como documento histórico são analisados por Antônio Cândido em *Literatura e Sociedade*²⁹, onde faz uma análise sobre como essas diferentes áreas abordam as obras literárias, variando as interpretações e concepções no que se refere à relação entre literatura e sociedade (entre obra e seu condicionamento social), o autor foca uma visão sociológica em sua pesquisa, mas em nenhum momento em detrimento de outras áreas, abrangendo o estudo sócio-histórico de análise crítica literária, o que é de fundamental importância para uma compreensão satisfatória do fenômeno literário por parte das Ciências Humanas.

²⁹ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7ª. ed, São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

A relação entre a literatura e a história, que é meu objeto de estudo nesse segundo capítulo, tem como pressuposto a consideração que as obras literárias possuem uma dimensão não só social, como econômica, política, cultural e principalmente histórica (não entendendo isso como uma correlação direta da conjuntura histórica com o conteúdo literário de determinado livro); a problemática reside em como estudar, em pensar num método válido de análise literária. Pretendo compreender a importância e validade das obras literárias como documento histórico e em especial as obras de ficção.

As obras literárias, principalmente, as utopias tendem a desviar nossa atenção para uma verdade com uma ampliação, um exagero dos aspectos positivos e negativos de uma sociedade. A intrigante dialética que a obra estabelece com a realidade social foi considerada no século XIX como um dos meios para entender a validade de um livro, “procurando mostrar que o valor e significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade”.(CANDIDO, 1958: p. 4) Em outras palavras, uma obra só era considerada completa se possuísse um contexto social em sua narrativa. Tal concepção foi posteriormente confrontada com a afirmação de que o contexto social dentro de uma obra é secundário, já que a estrutura narrativa interna da obra permite que ela seja independente de qualquer exterioridade que exista. São visões dissociadas que não podem mais ser separadas para entendermos a integridade de uma obra com a associação entre o externo (social) e o interno (estrutura narrativa). Os elementos responsáveis pela estética e pelo significado da obra estão unificados para formar um quadro indissolúvel.

A análise literária eficazmente crítica deve ter em consideração o elemento social, não tão somente como uma referência que permite identificar ou até explicar uma determinada época ou sociedade através de uma obra, mas como um fator intrínseco da própria construção artística, ou seja, uma interpretação que assimila a dimensão social como fator da arte.

O elemento social, no entanto, não é único nem menos o principal dentro da estrutura narrativa de um livro, figuram-se elementos psicológicos, religiosos, culturais, lingüísticos e históricos dentro de uma conjuntura coesa. Por muito tentou-se explicar as obras literárias conhecendo somente a origem social dos autores e a relação de suas idéias (posições políticas, ideologias, princípios, moral) com a sua obra, privilegiando unicamente esse fator (não que não seja extremamente importante conhecer tais fatos, mais isso não

representa uma análise literária completa), como foi privilegiado colocar o fator social como primordial para entender um livro, explicitando um elemento unicamente relegando outros tão importantes quanto o social, nem muito menos podemos nós, historiadores, privilegiarmos a dimensão histórica para apreendermos o sentido do objeto estudado em detrimento dos outros elementos, sendo mais interessante e produtivo encarar integridade e autonomia da obra como um todo coeso, representativo de uma múltipla profusão de elementos que constituem uma obra literária.

Uma enorme modalidade de estudos de cunho sociológico para entender o fenômeno literário, oscilando entre a sociologia, a história e a crítica de conteúdo proliferam desde o século XVIII. O método tradicional procura relacionar o conjunto literário de uma obra contextualizando um período histórico, um gênero literário com as condições sociais, traçando um panorama e entendimento das seqüências históricas caracterizando uma determinada época. O defeito desse método encontra-se na incapacidade de associar duas ordens de realidade que foram separadas, já que o estudioso enumera os fatores sociais, políticos, econômicos paralelos às interpretações das obras isoladamente de seu conteúdo social. Uma segunda modalidade de estudo apenas procura verificar se as obras espelham ou não os aspectos da realidade exterior de uma sociedade ou época, estabelecendo correlações entre o conteúdo da obra e o conteúdo social, avaliando a importância da obra segundo essa perspectiva.

Dentre as modalidades apontadas por Antônio Cândido que privilegiam outras variantes da análise literária como a relação entre público e a obra, posição e função social do escritor, função política das obras e dos autores com caráter ideológico predominante. Todos esses aspectos constituem várias modalidades de estudos de cunho sociológico e são de fundamental importância para o historiador compreender o fenômeno literário, portanto, é necessário um método que seja capaz de apreender toda a complexidade e variações da literatura. Estudar o *Admirável Mundo Novo* não significa apenas lê-lo sob uma perspectiva da conjuntura histórica e concentrar toda explicação sob esse viés (traçando apenas um paralelo da época histórica e seu reflexo na obra), nem muito menos desprezar a origem social do autor (o que é algo fundamental importância que revela bastante sobre o livro) nem esquecer que se trata de uma obra artística de ficção, e por isso possui características especiais próprias que devem ser consideradas pelo pesquisador.

A literatura em sua caracterização e constituição aborda o entrelaçamento de vários fatores sociais, entretanto isso não quer dizer que sejam os aspectos determinantes de uma obra, o mesmo podemos afirmar da posição político-ideológica de um escritor. Há uma relação subjetiva e deformante da realidade dentro da literatura por ser um trabalho artístico - o que deve ser muito bem observado pelo historiador, e isso varia segundo sua concepção de arte, bem como de fontes históricas – já que existe uma liberdade poética que permite que o aspecto fantasioso e imaginativo modifique uma realidade para torná-la mais expressiva, entretanto, considerar que através da pesquisa do momento histórico correspondente ao da obra podemos esgotar toda análise literária é uma explicação superficial e simplista que privilegia unicamente a dimensão histórica. Com a precaução de considerar os fatores sociais e históricos e perceber que tanto eles como os fatores psíquicos (moral e princípios – o que engloba um estudo que envolve religião, cultura e costumes) são partes indissolúveis da integridade da obra e de fundamentais importâncias para formular uma análise literária crítica e abrangente.

Considerar, por um outro lado, que uma obra literária explica-se a si mesmo, como universo fechado que tem regras e funcionamentos próprios, portanto, alheios a análises e críticas para entendê-la leva a um raciocínio que despreza totalmente a dimensão histórica, sem a qual o pensamento contemporâneo não confronta de maneira adequada os problemas que afligem os homens e o futuro da civilização. A própria concepção da produção de um texto literário expressa uma relação onde há o uso do poder dentro da lógica da sociedade capitalista, o que significa que é uma expressão do real; e nenhum texto é auto-explicativo, ele está relacionado direta e indiretamente a outros textos que contém outras significações e significados. Há uma “*correlação das forças sociais que permitiu o afloramento de um certo texto, de um certo modo*”.³⁰

As obras literárias, entendidas em toda sua complexidade, podem não somente fornecer ao historiador traços sociais, culturais, políticos e econômicos que muitas vezes se perdem de vista em meio aos documentos oficiais de um determinado período histórico, existem “*certos ‘livros universais’ ou ‘livros do século’ que conferiram a épocas inteiras uma figura exemplar, obtendo assim um grande efeito, cujo eco perdura até hoje*”.³¹ São

³⁰ KOTHE, Flávio R. *A Alegoria*. Serie Princípios. São Paulo: Ed.Ática, 1986; p. 90.

³¹ KURZ, Robert. Parábolas do Meio-Irmão. *Caderno Mais!* (Folha de São Paulo, junho de 2003)

obras de grande magnitude que caracterizam épocas importantes, e por serem, em sua forma literária, parábolas e definidas por Kurz como uma forma que:

*“(...) permite expor idéias filosóficas fundamentais de tal modo que podem ser lidas ao mesmo tempo como histórias coloridas e envolventes. Essa dupla natureza da exposição diz à pessoa culta algo cognitivamente diferente do que a criança ou ao jovem, e, no entanto, ambos podem devorar o mesmo livro com igual voracidade”.*³²

Exatamente por sua peculiaridade de serem histórias ao mesmo com um conteúdo altamente profundo e filosófico, também serem “coloridas e envolventes”, as parábolas tornam-se presentes no cotidiano e na imaginação social, são de certa forma acessíveis, pois, conseguem compreender e traduzir as questões cruciais da civilização em histórias, ao primeiro olhar simplórias, contudo, com um olhar mais atento obtemos reflexões sobre os regimes, modelos e sistemas totalitários que conhecemos, ou seja, as parábolas podem ser entendidas como expressão, não somente de épocas passadas, mas como um retrato de nós mesmos, da nossa contemporaneidade.

A parábola pode ser compreendida como uma alegoria, já que a mesma significa para Flávio Kothe:

*“uma representação concreta de uma idéia abstrata. Exposição de um pensamento sob forma figurada em que se representa algo para indicar outra coisa. Subjacente ao seu nível manifesto, comporta outro conteúdo. É uma metáfora continuada, como tropo de pensamento, constituindo na substituição do pensamento em causa por outro, ligado ao primeiro por uma relação de semelhança”.*³³

A alegoria, então, oscila entre dois pontos distintos: pode apresentar claramente os sinais que refletem o pensamento intencionado ou pode ser “*obscura, fechada, hermética, dificultando o acesso ao seu nível mais substancial*” (KOTHE, 1986: p.19), o que nos fornece a alegoria de uma forma mais complexa do que muitas vezes é pensada. Podemos compreender a alegoria em seu sentido de alteridade, de decifrar o outro, o diferente, o abstrato; sobretudo com o processo de industrialização, que acarretou imposições não só dentro do mundo do trabalho, como propiciou um novo *modus vivendi*, originando as

³² Idem, p. 14.

³³ KOTHE, Flávio R. *A Alegoria*. Serie Princípios. São Paulo: Ed.Ática, 1986; p. 90.

metrópoles com uma sociedade massificada de consumo onde o indivíduo perdeu-se em meio à multidão, diferenciando-se dos outros apenas pela sua carteira de identidade.

Dentro do capitalismo industrial, todos aqueles aspectos negativos do homem afloram, como a ganância, a prepotência, o egocentrismo, o engodo, etc., o que cria uma insatisfação social geral, não só entre os operários e pessoas das classes inferiores, como também, entre os membros da elite. A própria figura que representa a Justiça, “*cada elemento é significativo, não significando, porém simplesmente uma espada e uma venda nem algo completamente alheio às características desses elementos*” (idem, p. 52), representa aquilo que é propiciado pelo sentido literal, explícito é ao mesmo tempo uma barreira e uma ponte entre a forma que é exterior e o seu sentido que se quer utópico. Na figura da Justiça, que é uma mulher, cada elemento significa algo que não somente captamos no primeiro olhar e sim uma outra coisa. Assim, como a alegoria “diz o outro”, a cultura também é essencialmente alegórica, por isso se quisermos compreendê-la devemos entender a alteridade, decifrar os fenômenos culturais e mesmo naquilo que têm de contraditório entender o discurso do outro.

Como a alegoria pressupõe que tudo significa outra coisa que senão aquilo que temos como o sentido mais real e imediato, temos a impossibilidade da verdade ser enxergada como ela mesma, e sim, como uma identidade. A verdade é principalmente, uma contradição, ela se realiza na medida em que se apresenta como algo externo a si mesmo, ou seja, quando sua identidade se dá através do outro. A própria figura da Justiça representa uma utopia (a igualdade perante todos, o julgamento, a força), mesmo que a idéia de Justiça não seja universal e muito menos aceita por todas as pessoas; o que se tem é uma representação simbólica dos poderes que são monopolizados pelo Estado e que podem ser usados para proteger ou punir os cidadãos.

O conservadorismo privilegia a compreensão de que o real não pode ser cognoscível, e por isso mesmo, devemos manter as coisas exatamente como estão, mantendo os mesmos privilégios; se a realidade não pode ser apreendida, ocorre que os homens são incapazes de agir diretamente e transformar a realidade em que vivem. Assim, o pensamento conservador não pretende a verdade das coisas, garantem a manutenção do *status quo*, já que “*sem verdade não há apreensão do real e, sem isso, não há ação efetiva*”. (KOTHE, 1986: 54).

A própria noção de ficção, existe não para mascarar ou camuflar a realidade, mas sim para pensarmos a realidade do mundo em que vivemos; por isso, muitos livros e filmes de ficção científica trazem vários elementos comuns ao nosso cotidiano, mas de uma forma que não conhecemos. Principalmente nas utopias, onde os aspectos cruciais (negativos ou positivos) de cada sociedade ou sistema são maximizados de modo que se tornem inverossímeis dentro de um tempo como o nosso, mas que constituem uma realidade exterior imaginada por autores que acreditam que as utopias serão a realidade do amanhã, ou seja, para os utopistas a vida segue rumo a concretização dos seus piores pesadelos ou de seus sonhos, desde que seja um projeto radical e que ofereça solução para os problemas sociais, culturais, econômicos e políticos da civilização.

A “ficção científica negativa e popular”³⁴ está presente em obras como *A Máquina do Tempo*, do britânico H. G. Wells, onde um cientista, na última noite do século XIX, constrói uma máquina capaz de transportá-lo pelo tempo. Suas expectativas de encontrar uma realidade melhor do que a que vive, são frustradas frente ao futuro marcado pela violência e pelo pessimismo onde a ação devasta do homem ocasionou desastres naturais o que levou a um período sombrio da vida humana, a visão do cientista revela “(...) a transformação da utopia em distopia”.³⁵

A luta de classes está marcadamente presente na obra de Wells, dividindo a sociedade em camadas diferentes que lutam até o fim pelos seus interesses econômicos, sociais e políticos. As parábolas posteriores a *Máquina do Tempo* irão deslocar a atenção à luta de classes como um fim em si, e constituir todo um sistema complexo que abranjam os totalitarismos que viemos a conhecer ao longo do século XX. As utopias negativas (cada uma ao seu modo) englobam uma visão totalitária de governo, seja ela democrática ou ditatorial. Então,

“sob a impressão causada por guerras mundiais, grandes crises econômicas e ditaduras industriais, o gênero da utopia negativa não só se aprimora, ms também seu conteúdo acaba se deslocando da sociologia das oposições de classe à visão de um sistema totalitário homogêneo”. (KURZ, 2003: p. 14).

³⁴ KURZ, Robert no *Caderno Mais!* (Folha de São Paulo, junho de 2003) O articulista caracteriza obras como “*A Máquina do Tempo*” (Wells) exemplos de ficção científica negativa e popular; e as obras de Franz Kafka como parábolas sombrias.

³⁵ CARLOS, Cássio Starling. *Tempo estraga a Máquina da ficção de H. G. Wells*. In: Folha de São Paulo, 27 de dezembro de 2002.

O “*Admirável Mundo Novo*” representa o redirecionamento do conteúdo das utopias ao fundir em um só mundo projetando aspectos de três tipos diferentes de sociedade (norte-americana, soviética e fascista) dentro de um sistema totalitário. Em seu aspecto comum em que convergem os três regimes é a sociedade de massas, entendida pelo lado da produção (fabricação em larga escala de produtos) e pelo lado do consumo que “*consiste na redução das pessoas a padrões estereotipados, perdendo-se toda a individualidade na massa social*” (BERNARDO, 1995: p. 253).

Publicado em 1932, “*Admirável Mundo Novo*”, reúne as influências diretas e indiretas de Aldous Huxley sobre as mais variadas teorias de cientistas e pensadores que estavam em voga no momento em que o livro foi concebido, por isso foi considerada pelo comentarista Olavo de Carvalho

*“menos uma utopia, uma especulação sobre um futuro possível, do que a percepção imediata do nexos interna por trás de uma pluralidade de modas e escolas de pensamento que floresciam na época em que foi escrito, e que constituem a matriz unificada, não somente possível no século VII d. F., mas do mundo em que vivemos hoje.”*³⁶

Ocorre que o romance, naquilo que tem de profético ou de premonitório parte da percepção de Huxley da realidade em que viveu, e se concretiza como uma contra-utopia no momento em que consegue concatenar os elementos comuns e aceitos pela sociedade vigente projetando-os de uma forma que confronte a ordem existente e possibilite a criação de uma nova (mesmo que seja na ficção) que seja incongruente com seu tempo.

Contudo, e como fica evidenciado na leitura de “*Regresso ao Admirável Mundo Novo*”, pode-se constatar que “*Huxley com efeito, nada inventou. Tudo que fez foi perceber a unidade subjacente às idéias dominantes de seu tempo, que geraram nosso modo de existir atual*” (CARVALHO, 2001: p.5) E não poderia ser de outra maneira, já que as essas idéias dominantes, que advinham de pensadores como Lênin, Ford, H. G. Wells e Pavlov que abundaram a intelectualidade na década de 20, exercem forte influência na formação intelectual de Huxley, e aparecem implícita ou explicitamente no “*Admirável Mundo Novo*”, e formam o corpo doutrinário de um novo sistema totalitário completamente eficaz

³⁶ CARVALHO, Olavo. *Dois estudos sobre Aldous Huxley*. Prefácios ao *Admirável Mundo Novo* e *A Ilha*, escritos para a reedição dessas obras pela Editora Globo, São Paulo, 2001.

em manipular e controlar os indivíduos, de uma forma nunca antes realizada, ou talvez até pensada.

O que constitui um dos principais feitos de Huxley, o de corporificar no seu romance todas as tendências, antes dispersas, que aparentavam representar uma ameaça a liberdade e soberania do indivíduo dentro de um todo coeso, em verdade, não só um reflexo do momento em que vive, mas o “*Admirável Mundo Novo*”, pode ser lido como uma alegoria, ou seja, como a “*exposição de um pensamento sob forma figurada em que se representa algo para indicar outra coisa*” (KOTHE, 1986: p. 90), então, a obra de Huxley é algo mais do que um mediador e centralizador de idéias dominantes da década de 20.

O autor foi muitas vezes desacreditado pelos críticos literários (acusando, principalmente, de seus personagens serem insólitos, de não serem propriamente humanos), e muitas vezes consagrado pelo seu público que enxergava nele um homem que sempre buscou atingir níveis mais elevados de conhecimento e compreensão, fortalecendo sua sabedoria espiritual até seus últimos dias de vida.

Muitas vezes suas grandes obras são consideradas pelos críticos como um golpe de sorte e não, um achado literário. Pode ser considerado como “artista, cheio de imperfeições. Nenhuma de suas obras dá a medida da riqueza da personalidade ou da solidez de seus recursos intelectuais”.

A própria trajetória de Huxley confirma o apreço do público pela suas obras, sobretudo na sua luta pessoal contra a cegueira que aos dezessete anos reduziu parte de sua visão. Ao contrário de seguir o caminho da autopiedade, comiseração e do egocentrismo, culpando o destino pelo seu estado, Huxley foi capaz de tirar dessa situação uma fonte de oportunidades para aprofundar seus conhecimentos da percepção e do espírito, trazendo reflexões epistemológicas importantes sobre esse assunto. Sobretudo, pelo seu tratamento contra a perda parcial da visão, ter sido feito com um oftalmologista norte-americano chamado Dr. Bates, que acabou por tornado-se bastante conhecido por ter curado os olhos de Aldous Huxley. O Dr. Bates era um opositor do uso de óculos, pois considerava o uso da lente de grau fixo uma verdadeira “camisa-de-força”; sua técnica consistia basicamente “em restaurar o paciente a curiosidade visual e o amor à luz” (CARVALHO, 2001: p. 2). Entretanto, sua técnica foi fundamental para que despertasse, em Huxley, descobertas filosóficas profundas ao passo que recuperava sua visão.

Huxley chegou através de sua experiência pessoal na luta contra a cegueira, a conclusões semelhantes a do filósofo basco Xavier Zubiri, principalmente sobre um idealismo filosófico (que perdurou por mais de três séculos) que separava, por um abismo, conhecimento e realidade. As descobertas filosóficas de Zubiri nunca chegaram ao conhecimento de Huxley, (que veio a ser conhecido somente na década de 70, após sua morte). Uma delas era a negação da idéia kantiana que os dados sensíveis brutos e caóticos são colhidos pelo corpo a partir de padrões epistemológicos *a priori*, ou seja, para Zubiri a “*percepção humana é, inerentemente, percepção intelectual*”. (CARVALHO, 2001: p. 2) Então, dessa forma, a realidade não precisa ser apreendida para além da percepção, sendo a realidade um aspecto formal oferecido à percepção humana. O ato de ver, desse modo, não estava reduzido aos parâmetros intelectivos que reduzem a visão como um esforço interpretativo da realidade, e sim, (na concepção zubiriana) o ato de ver é uma ação que deve ser passiva e gentil das coisas que nos são oferecidas, como uma ação contemplativa da realidade em que vivemos. Essa descoberta filosófica foi uma de duas que Huxley atingiu em seu tratamento de recuperação da visão, através dos exercícios de Dr. Bates.

A sua segunda descoberta filosófica foi de encontro à “filosofia iluminativa” do filósofo persa Shihaboddin Sohrawardi, uma tradição que ficou pouco conhecida no Ocidente, e principalmente, no mundo acadêmico de Aldous Huxley. O mundo objetivo, em sua natureza, revela-se como luz (no seu sentido físico, mas sustentada pela luz espiritual) que ativa no sujeito cognoscente “*sua contrapartida objetiva sob a forma da luz inteligível que se revela nas coisas vistas, simultaneamente à sua revelação pela luz física*”. (CARVALHO, 2001: p. 2), ou seja, o conhecimento é apreendido pelo sujeito como uma luz física que revela uma luz inteligível dos objetos.

Huxley tomava consciência dessas descobertas filosóficas no decurso de seu tratamento óptico, e constituem parte integrante de seu conhecimento filosófico, receptivo não só as teorias ocidentais como as orientais, pouco aceitas em seu meio acadêmico; tornado-o “*um intelectual bem superior ao da média dos romancistas de seu tempo*”. (CARVALHO, 2001: p. 2) E todas essas experiências relacionadas à percepção visual e intelectual traduzem-se no campo da técnica ficcional. Como a técnica usada em uma de suas obras, Contraponto (1923), onde vários detalhes separados são reconstituídos como uma unidade. O que aparentemente, indica ser a unificação de detalhes insignificantes

dentro de um todo inteligível, é em verdade, a representação de que a mesma realidade pode ser vista por dois ângulos: de perto e de longe, já que cada detalhe em si traz a representação do conjunto.

Nos primeiros momentos do “*Admirável Mundo Novo*”, essa técnica é usada em uma seqüência de cenas isoladas: primeiramente, a visita dos estudantes aos laboratórios de produção dos *bebes in vitro* (mais especificamente na *Sala de Decantação*) no *Centro de Incubação e Condicionamento*; depois, para as demonstrações nos berçários (denominadas Salas de Condicionamento Neopavloviano) da doutrinação das crianças pelo Estado, como a hipnopédia; para cenas de crianças brincando sob o sol quente nos jardins e outras jogando uma partida de “Estafeta Centrífuga” dos altos prédios do *Centro de Incubação e Condicionamento* que eram diversões como programa de disciplina civil. Todas essas cenas seqüenciais são apresentadas para o leitor como parte integrante do universo altamente controlador e inibidor da liberdade dos indivíduos do *Admirável Mundo Novo*. Nesses primeiros momentos, vemos a preocupação do programa do Estado em controlar e condicionar o indivíduo: a manipulação dos fetos em laboratório (nas palavras de Huxley o eugenismo e seu contrário eram metodicamente praticados: indivíduos programados de antemão para serem pertencentes ou das classes superiores – Betas, Alfas e Alfas Positivos – e das classes inferiores – Ípslons); o condicionamento infantil através da hipnopédia; o esporte como forma de entretenimento e diversão para as massas fazem parte de um sistema global e totalitário.

A estrutura do romance de Huxley não segue uma “*síntese mental de dados que, na realidade, se encontram dispersos*” (CARVALHO, 2001: p. 2) como numa síntese kantiana. Mas sim, na idéia de que cada detalhe constitui o todo; assim, todos os elementos apresentados para o leitor nas primeiras páginas de seu romance não podem ser concebidos como separadamente:

“*não se pode controlar administrativamente as emoções humanas sem a ajuda química (as pastilhas de soma) nem habituar as multidões à satisfação bovina de uma auto-hipnose permanente sem controle laboratorial de suas predisposições genéticas; nem, muito menos fazer tudo isso ao mesmo tempo na escala limitada de um Estado nacional, sem o controle simultâneo de todo globo terrestre*”. (CARVALHO, 2001: p. 4)

Em cada elemento que pode ser dissociado do todo representa na realidade, algo que não pode ser encarado separadamente do sistema global totalitário que envolve os habitantes do Admirável Mundo Novo. Apesar das cenas serem justapostas, numa técnica de *flashes* seqüenciais, são todas características integrantes do universo construído por Huxley, que temos conhecimento à medida que sua obra é lida e são todos temas do *Admirável Mundo Novo* que não podem ser lidos isoladamente:

“(...) a sociedade completamente organizada, o sistema científico de castas, a abolição da vontade livre através do condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas, as ortodoxias propagadas em cursos noturnos ministrados enquanto se dorme”.³⁷

A sociedade futurista descrita por Huxley, para Carvalho, é menos uma utopia no sentido definido por Goethe: *“uma série de idéias, pensamentos, sugestões e intenções, reunidos para formar uma imagem de realidade, embora no curso ordinário das coisas dificilmente venham se encontrar juntos”*. (CARVALHO, 2001: p. 4), e mais propriamente uma lógica que se apresenta como uma imagem global de um sistema totalitário homogêneo. As ideologias de Freud, Marx e Henry Ford fazem parte das contribuições que influenciaram direta ou indiretamente no universo do Admirável Mundo Novo.

Todas essas ideologias são encaradas como uma segunda realidade dentro do romance de Huxley, numa era descrita como d. F., ou seja, depois de Ford mas não somente, como pode ser lida como depois de Freud. Há uma condensação dessas teorias, assim como a teoria de Pavlov sobre o comportamento dos cães, que toma uma dimensão altamente aprofundada e difundida; a psicologia canina é aplicada naquilo que corresponde no homem em sua parte que se assemelha a do cão, tornando-se tão apropriada enquanto psicologia canina, como na área da psicologia propriamente dita. Assim, sua psicologia toma um relevo, que na prática, mais abrangente do que sua própria teoria.

Temos então, teorias como o fordismo e o marxismo, que colocam de um lado um ambiente altamente controlador e alienante dentro do mundo do trabalho; e de outro a revolução personificada pelo proletário militante. Como ideologias podem ser contestadas (assim como o próprio capitalismo com propostas alternativas de outros regimes), porém,

³⁷ Temas que podem resumir todas as características fundamentais do *Admirável Mundo Novo* e que foram descritas por Huxley em *Regresso ao Admirável Mundo Novo*.

num universo como o *Admirável Mundo Novo*, não ocorre essa contestação. Os indivíduos são incapazes de colocarem-se externamente ao mundo em que vivem, portanto, são incapazes de qualquer posição crítica em relação ao sistema, de tal maneira condicionados que não precisam ser castigados ou punidos, pelo contrário, aprendem a amar a servidão. Então, a atmosfera do *Admirável Mundo Novo* é um aprisionamento onde os seus personagens não conseguem “*perceber a irrealidade do mundo social que os rodeia (...) elas constroem essa irrealidade a cada instante, com suas próprias vidas, e se aprisionam no ato mesmo de tentar contesta-la em pensamento*”. (CARVALHO, 2001: p. 5)

A sociedade futurística pensada e construída por Huxley não pode ser entendida como um apanhado de imagens reais de sua contemporaneidade dentro de um todo coeso (e que só se torna coeso visto como partes detalhadas dentro de um quadro maior), onde o leitor constrói uma interpretação fictícia a partir desses fragmentos da realidade. E sim, é mais propriamente, a visão de um intelectual diante “*da unidade da atmosfera cultural dos anos vinte e trinta condensada em imagens e projetada – erroneamente – num século futuro*”. (idem) Ou seja, Aldous Huxley, foi capaz de arquitetar um mundo fictício tendo como fonte inspiradora dados reais tirados de sua contemporaneidade, e que não foram antes percebidos como uma unidade, pelo contrário, eram fragmentos de teorias e ideologias que se encontravam esparsos e que, pouco provavelmente, formariam um pesadelo tão terrificante como o visto em *Admirável Mundo Novo*.

O elemento fictício em sua obra está caracterizado na projeção de acontecimentos que pareciam ser irrealizáveis no momento em que o livro foi escrito, mas que eram fundamentados tendo como base às tendências científicas e comportamentais do mundo vivido por Huxley. Assim, como afirma Carvalho, o autor erroneamente projetou sua antiutopia para o século futuro, quando muitas delas realizaram-se muito antes do que ele imaginava, como fica evidente em *Regresso ao Admirável Mundo Novo*. E como uma utopia, que tem sua virtude em fazer profecias – ou melhor, projeções – Huxley erra ao não considerar a possibilidade de concretização de muitos dados característicos de sua realidade e pensá-los como um pesadelo muito mais distante de seu mundo do que realmente o era. Por isso, “*é uma unidade de um sistema de erros, cujas sementes Aldous Huxley identificou em 1931 e cujo crescimento ultrapassou, em velocidade, os seus mais sombrios diagnósticos*”. (CARVALHO, 2001: p. 5)

Essas sementes identificadas por Huxley podem ser constatadas, p. ex., nas técnicas educacionais padronizadas que vigoram na maioria das instituições educacionais pelo mundo, e que são controladas e definidas pelos governos nacionais e organismos internacionais. A educação, então, é transformada em uma ferramenta de controle e condicionamento, um exercício de poder e hierarquia dentro de uma sociedade capitalista que pretende suprimir a liberdade, autonomia e a capacidade de conscientização crítica individual

“e se dedica quase inteiramente ao adestramento comportamental dos perfeitos cidadãos da Nova Ordem Mundial (...) e as técnicas usadas para esse fim pouco tem a ver com o que se denominava tradicionalmente ‘pedagogia’, mas se constituem essencialmente de manipulação pavloviana” (CARVALHO, 2001: p. 5)

Podemos até considerar um certo exagero na afirmação de Carvalho, sobretudo ao afirmar que as técnicas pavlovianas substituíram a pedagogia; mas não podemos negar que a educação está representando um papel social de enquadrar as crianças e os jovens dentro de um processo de homogeneização, uniformizados não somente pelos trajes escolares, mas pela massificação do ensino. Soma-se a educação, simultaneamente, a experimentos com a clonagem humana e a biotecnologia,

“à formulação de uma ética padronizada para abolir todas as diferenças culturais e religiosas, à instauração de um poder médico global incumbido de receitar e vetar condutas a pretexto de higiene e saúde, à criação de tribunais mundiais para impor a toda humanidade o direito penal”. (CARVALHO, 2001: p. 5)

Profecias que foram projetadas por Huxley para acontecer em um outro século tornam-se a obsessão contemporânea: a clonagem representa avanços importantes na genética e podem modificar nossa concepção sobre a eugenia (sua realização é muito mais viável); há também, uma forte imposição (feita, sobretudo pelos Estados Unidos) de uma ocidentalização do globo, mesmo que seja com a guerra: a democracia deve ser implantada em todos os lugares do mundo - o que leva a uma padronização de comportamento e aculturação dos mais diferentes povos. Uma verdadeira imposição cultural daqueles que são considerados bárbaros (orientais) e que devem responder por suas escolhas e erros da mesma forma que os ocidentais, já que há também uma imposição de um sistema judiciário internacional.

Mesmo com os sombrios diagnósticos previstos em 1931 por Huxley terem sido ultrapassados pelo tempo, não podemos admitir que vivemos uma realidade semelhante ao *Admirável Mundo Novo*, sobretudo no que se refere aos “selvagens”. São pessoas consideradas marginalizadas pela sociedade, renegam a educação, criticam o sistema e não entregam seus filhos ao Estado. Enquanto no *Admirável Mundo Novo* os “selvagens” habitam uma região geograficamente distante das grandes cidades, vivendo numa Reserva onde preservavam os costumes, religiões e as tradições; no mundo contemporâneo os selvagens vivem juntamente com os outros habitantes considerados normais. A inexistência da Reserva não esconde a semelhança que existe em isolar os certos grupos contestadores do regime do convívio com os “normais”.

O próprio Aldous Huxley enveredou o caminho dos “selvagens”, na busca do espiritualismo com leituras místicas na busca de uma “unidade transcendente das religiões”. Mesmo a sua tentativa de experimentação de abrir as “portas da percepção” com o uso de drogas alucinógenas o levou a uma fase em que se tornou, como sua literatura, estranho e incompreensível. Suas experiências com as drogas alucinógenas (mesmo que consideradas fracassadas) despertam sua perplexidade diante da “manipulação química do comportamento, que ele denuncia corajosamente em *Brave New World Revisited*” (CARVALHO, 2001: p. 5), assim, como o leva a escrever seu último romance, *A Ilha*, uma utopia plena que tanto difere do *Admirável Mundo Novo*.

A imperfeição artística de Huxley é mais uma incapacidade de traduzir todo seu conteúdo filosófico (advindo de suas mais diversas experiências) nos personagens e universos construídos nos livros que escreve. Contudo, a concepção do real como uma unidade facilita sua percepção “global dos rumos da história humana”, sendo capaz de colocar-se exteriormente ao mundo em que vive, e perceber a partir daí as principais características que representaram possíveis ameaças à existência humanidade, senão da liberdade e da individualidade.

Suas técnicas literárias, principalmente no campo ficcional, (que foram fruto de suas descobertas espirituais na luta contra a perda da visão) envolvem suas obras de um elemento realístico extremamente necessário dentro das utopias, sem perder a oportunidade de realizar críticas profundas e reflexivas dos totalitarismos democráticos contemporâneos. “(...) a obra de Huxley, malgrado seus múltiplos defeitos, sobreviverá. Ela tem o interesse

permanente de tudo aquilo que se volta para a ‘única coisa necessária’” (CARVALHO, 2001: p. 5), ou seja, a busca pelo verdadeiro senso de unidade, uma forma de compreendermos a realidade que nos cerca através da essência por detrás dos objetos, coisas e pensamentos. O *Admirável Mundo Novo* é uma fonte aprimorada para um entendimento global da realidade das sociedades democráticas e ditatoriais, e que pode muito significar para o historiador atento à relação entre literatura e história.

Conclusão e Considerações Finais

O tema que foi aqui pesquisado é de enorme complexidade e profundidade, por isso mesmo, as possibilidades de pesquisa e caminhos metodológicos são muitas, o que traz uma certa dificuldade em delimitar o tema dentro de um projeto de pesquisa de Monografia que seja viável, numa tentativa de atender aos pressupostos teóricos da Monografia de Conclusão do Curso de História sem empobrecer nem reduzir o tema, o que foi uma das minhas principais preocupações desde o início dessa pesquisa.

A principal dificuldade revelou-se nesse ponto, ou seja: como delimitar um tema tão abrangente e complexo, sem empobrecê-lo e mesmo assim, atender aos pressupostos teóricos da Monografia. Inicialmente, algumas leituras que me interessavam durante a Graduação do Curso de História, versavam sobre assuntos como: técnicas de manipulação de massas, rebeldia, conformismo, propaganda, cultura e contracultura, artes, literatura, sexualidade, poder – que são discutidos por diversos autores como Hannah Arendt, Herbert Marcuse, Theodore Roszak, Eric Hobsbawn e William Reich e que são tópicos importantes de discussões acerca da condição humana na contemporaneidade. Porém, mesmo sendo assuntos relevantes e similares entre si, ainda não havia encontrando uma unidade unificadora de todos esses conceitos dentro de um único tema, e essa foi durante minha iniciação científica meu primeiro obstáculo. Pesquisar, então, a contra-utopia preenchia o interesse que cultivava por esses assuntos, sendo assim um tema que envolvia uma grande discussão bibliográfica e uma enorme riqueza de fontes disponíveis.

O *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, em especial, é uma obra do gênero utópico que abrange toda a discussão sobre os assuntos que me interessavam – e que são extremamente debatidos e discutidos por intelectuais, professores, estudantes – ao pesquisar uma obra em particular que me ofereceu uma gama de componentes teóricos onde foi possível trabalhar todos os temas principais que envolvem uma pesquisa sobre a contra-utopia. Dessa forma, foi possível pesquisar uma obra literária de ficção amplamente complexa – o *Admirável Mundo Novo*, que foi minha principal fonte – dentro de uma conceituação de contra-utopia que fosse suficientemente aproximativa de todos os véis que

são utilizados para uma tentativa de definição do conceito de utopia, em todas suas mais variadas interpretações e possibilidades enquanto tema de pesquisas acadêmicas.

Uma das mais conhecidas definições do conceito de utopia é dada pelo estudioso Karl Mannheim (1929) que pode ser resumida por dois princípios: o de incongruência com a realidade e o princípio de realizabilidade; polariza de um lado utopia (no singular) e do outro as utopias (no plural), isso porque, a enorme galeria de utopias individuais (e por isso mesmo distintas entre si e com temas específicos) ao longo da história dificulta reuni-las em torno do conceito de utópicas. A esse problema de definição, Mannheim propõe um método sociológico de investigação que segue três regras básicas: primeira, construir um conceito admissível de utopia, no sentido de uma generalização, ou seja, uma *criteriologia*; segunda, uma *tipologia* que difere as utopias segundo os estratos sociais correlatos, tendo como princípio que uma utopia é um discurso de um grupo ou de uma comunidade (e não uma obra literária alheia de uma determinada realidade histórica); terceira, o conceito de “desejo dominante” de Mannheim, que expressa uma “*mentalidade utópica*”.

Tendo como apoio o método sociológico de Mannheim (com sua devida problematização, tendo como referência Paul Ricoeur) foi possível pesquisar a contra-utopia (como conceito) e certas contra-utopias particulares (principalmente, o *Admirável Mundo Novo*) para compreender e analisar aquilo que Mannheim considerou como “*mentalidade utópica*”, correlacionando o estudo de utopia com análises históricas sobre os totalitarismos em suas dimensões democráticas e ditatoriais.

A maior virtude do *Admirável Mundo Novo* é ser uma obra escrita na década de 30, e mesmo assim, ter um grande significado para pensarmos os problemas da nossa contemporaneidade, nesse sentido, pude constatar a validade de sua obra enquanto uma fonte extremamente rica e complexa para o historiador. O tema norteador do *Admirável Mundo Novo*: a questão da liberdade e seus inimigos levantam interessantes reflexões sobre a condição humana dentro dos regimes democráticos, e da necessidade cada vez mais importante de estarmos atentos para os rumos que a civilização pode seguir num futuro não tão distante, principalmente quando as técnicas e métodos de manipulação do indivíduo e das massas são cada vez mais semelhantes nos regimes ocidentais com os do *Admirável Mundo Novo*. Para além de simples profecias, as utopias nos revelam o totalitarismo implícito nas democracias contemporâneas, o que fica evidente ao ler não só o *Admirável*

Mundo Novo de Aldous Huxley, como também seu livro escrito duas décadas posteriores, o *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, onde delata corajosamente como os métodos de manipulação de massas estão sendo usados, testados e pesquisados por dirigentes dos regimes democráticos ocidentais.

Com uma maior aproximação do conceito de contra-utopia, foi possível pesquisar o tema, a partir da obra *Admirável Mundo Novo*, estabelecendo um diálogo entre a ficção literária e a história. Nesse sentido, a minha pesquisa desenvolvida na Monografia de Conclusão do Curso de Graduação de História foi válida ao pesquisar um tema altamente polêmico e complexo sem empobrecê-lo, com a possibilidade de delimitá-lo ao escolher uma obra em particular (*Admirável Mundo Novo*) e com isso explorar em parte a complexidade do fenômeno utópico pelo viés estabelecido entre a literatura e a história.

Objetivos

Gerais:

- Analisar e constatar a validade das obras literárias classificadas como antiutópicas, bem como a gênese do conceito de utopia;
- Pesquisar o conceito de ficção, bem como seu emprego na literatura, e um possível diálogo do gênero fictício com o pensamento histórico;
- Estudar o livro *Admirável Mundo Novo* (1932) do autor inglês Aldous Huxley fazendo uma correlação das características de sua obra com a realidade das sociedades democráticas contemporâneas;

Específicos:

- Pesquisar os aspectos fictícios apresentados em *Admirável Mundo Novo* confrontando com sua obra posterior *Regresso ao Admirável Mundo Novo*, escrita mais de duas décadas depois;
- Buscar os mecanismos de controle social e manutenção da estabilidade e ordem das sociedades democráticas capitalistas, a partir do estudo do *Regresso ao Admirável Mundo Novo* tendo como apoio os comentaristas de Aldous Huxley, João Bernardo e Olavo de Carvalho;

Metodologia

Estudar as utopias torna-se um projeto de extrema complexidade e profundidade, e também de um certo grau de dificuldade metodológica. Ocorre, do princípio, devido à elevada abstração inerente ao tema, uma dificuldade de definição do que é Utopia, conforme observado no *Dicionário de Política* existe uma multiplicidade de aproximações possíveis (como a literária, a sociológica e a política) que complicam a tentativa de definição, já que as soluções propostas assumem um valor subjetivo que gera “confusões e desentendimentos” (BOBBIO, 1983, p. 1284).

A necessidade de definição e de delimitação de um objeto de estudo envolve uma série de escolhas metodológicas que podem ser traçadas de diferentes maneiras e que podem resultar em diferentes pesquisas sobre um mesmo tema. Considero a abordagem sociológica de Mannheim, apesar de ser problemática em alguns pontos, fundamental para uma compreensão mais aprofundada de utopia, pois, oferece um quadro conceitual sistemático que facilita a pesquisa histórica – mesmo que discordemos dele.

A abordagem metodológica de investigação da utopia apresentado por Mannheim - que se utiliza de ferramentas sociológicas - segue três regras básicas

1. *Criteriologia* – construção de um conceito, uma hipótese admissível que abarque a investigação;
2. *Tipologia* (semelhante, mas não idêntica aos tipos ideais de Max Weber) – fornece um quadro geral, uma orientação sistemática dentro da variedade de utopias;
3. *Dinâmica temporal* – a direção das mudanças na utopia segundo uma “mentalidade utópica”.

Considero dentre as obras que tive contato a antiutopia *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley a mais contemplativa dos aspectos correspondentes às questões cruciais de nossa civilização, projetando numa sociedade fictícia a realização do controle total das massas, no mundo atual da permissividade e do consumo exacerbado revelando o caráter totalitário das democracias contemporâneas.

Pretendo analisar criticamente a obra de Aldous Huxley, avaliando a concepção de utopia presente no *Admirável Mundo Novo*, estabelecendo um diálogo com *O Regresso do*

Admirável Mundo Novo, do mesmo autor, fomentando uma relação entre ficção e história, que envolve uma releitura histórica da literatura e do cinema que abrangem temas utópicos.

Minha dissertação de monografia está dividida em três capítulos, no primeiro, irei construir um conceito de antiutopia, tendo como referência teórica as primeiras obras utópicas da literatura como Platão na Antiguidade e Thomas Morus na Modernidade – com a devida observação que não pretendo me aprofundar na análise dessas, são apenas referências para conceituar o termo utopia.

No segundo capítulo, analisei a obra *Retorno ao Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley tendo como apoio de estudo e pesquisa os comentaristas Olavo de Carvalho e João Bernardo. No estudo das utopias é conveniente compreender, também, a noção de ficção e sua possível interlocução com a História, que foi meu objeto de estudo no terceiro e último capítulo.

Fontes

Artigos

A pílula da felicidade. Isaias Pessotti. In: Folha de São Paulo, domingo, 12 de agosto de 2001.

“Biologia permitirá controlar o comportamento humano”. Marcelo Leite. In: Folha de São Paulo – Ciência. 1º de setembro de 2003.

Burgess antecipa mundo da insegurança. Joca Reiners Terron. In: Folha de São Paulo, sábado, 28 de agosto de 2004.

Kubrick e o Pop: “Laranja” gerou o glam. Pedro Alexandre Sanches. In: Folha de São Paulo, segunda-feira, 08 de março de 1999.

Utopia e Contra-utopia. A tensão entre ruptura e continuidade no novo governo brasileiro. José Murilo de Carvalho entre outros. In: Caderno Mais! Folha de São Paulo, domingo, 5 de janeiro de 2003.

Parábolas do Meio-Irmão. Robert Kurz. In: Caderno Mais! Folha de São Paulo, domingo, 1º de junho de 2003.

Utopia – Diálogos Impertinentes. Debatedores Rubem Alves e Darcy Ribeiro. Apresentação e mediação Caio Túlio Costa, Mario Sergio Cortella. Direção Gabriel Priolli, Eduardo Ramos. Gravado no TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) TV PUC-SP, Realização Folha de São Paulo.

Obras Literárias

BURGESS, Anthony. *A Laranja Mecânica (A clockwork Orange)*. Trad. Nelson Dantas. Rio de Janeiro: Ed. Anternova, 1977.

HUXLEY, Aldous. *A Ilha*. Tradução de Gisela Brigitte Laub. 5ª. ed, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1969.

_____. *Admirável Mundo Novo*. Tradução de Felisberto Albuquerque. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PLATÃO. *Diálogos: A República*. Coleção Universidade de Bolso. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1996.

MORUS, Thomas. *Utopia*. Tradução José Marinho, notas e posfácio de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1985.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Wilson Velloso. 10ª. ed, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

SKINNER, Burrhus Frederic, *Walden II: Uma sociedade do futuro*. Tradução de Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva. 2ª. ed., São Paulo, EPU, 1978.

Bibliografia

ABENSOUR, Miguel. *O novo espírito utópico*. Org. Urias Arantes. Campinas Editora da UNICAMP, Campinas, SP 1990.

BERNARDO, João. *Aridez e futilidade: Parábola acerca da mais-valia absoluta e da mais-valia relativa*. In: Educação e Sociedade, ano XVI, nº 51, p. 250 – 258, agosto de 1995.

BOBBIO, Norberto e outros. *Dicionário de Política*. Tradução João Ferreira. 8º ed., Brasília – DF, Editora Universidade de Brasília, 1995.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7ª. ed, São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos; o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUXLEY, Aldous. *Regresso ao Admirável Mundo Novo*. Tradução de Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Hemus – Livraria Editora Ltda, 1959.

KOTHE, Flávio R. *A Alegoria*. Serie Princípios. São Paulo: Ed.Ática, 1986.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Tradução Sergio Magalhães Santeiro. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

RICOUER, Paul. *Ideologia e Utopia*. Tradução Teresa Louro Perez. Rio de Janeiro, Edições 70, 1986.